

## REVISTA DE ARTETERAPIA DA AATESP



ARTE: ANA ALICE FRANCISQUETTI - GRAVURA EM METAL SOBRE PAPEL JAPONÊS, MONTAGEM EM XEROX



## **REVISTA de ARTETERAPIA da AATESP**

**Publicação:** Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo

### **APRESENTAÇÃO**

A Revista de Arteterapia da AATESP é uma publicação científica da Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo, disponível no site da AATESP- [www.aatesp.com.br](http://www.aatesp.com.br) . Foi iniciada no ano de 2010 com o intuito de acolher as produções advindas de arteterapeutas associados e de autores de áreas afins orientados por um arteterapeuta associado, interessados na difusão e aprofundamento do conhecimento na área de Arteterapia, com periodicidade semestral.

### **LINHA EDITORIAL**

A Revista Arteterapia da AATESP tem como objetivo publicar trabalhos que contribuam para o desenvolvimento do conhecimento no campo da Arteterapia e áreas afins. Busca incentivar a pesquisa e a reflexão, de cunho teórico ou prático, acerca da inserção da Arteterapia e de seus recursos nos diversos contextos na atualidade, contribuindo para o aprofundamento da compreensão sobre o ser humano, a Arteterapia e suas relações.

### **GRUPO EDITORIAL**

Contato: [revista@aatesp.com.br](mailto:revista@aatesp.com.br)

#### **Editora:**

Dra. Leila Nazareth AATESP 008/1203

#### **Conselho Editorial:**

Dra. Leila Nazareth AATESP 001/1203

Ms. Deolinda Maria da Costa Florim Fabietti AATESP 008/1203

Dra. Tatiana Fecchio AATESP 058/1105

Esp. Gisela Dias AATESP 688/0920

#### **Conselho Consultivo:**

Dra. Adriana Leopold AATESP 203/0611

Dra. Ana Cláudia Afonso Valladares ABCA 0001/0301

Dra. Cristina Brandt Nunes AATESP 539/0919

Dra. Cristina Dias Allessandrini AATESP 015/1203

Dra. Irene Gaeta Arcuri AATESP 043/0504

Dra. Lara Nassar Scalise AATESP 474/1218

Dra. Maria de Betânia Paes Norgren AATESP 005/1203

Dra. Patrícia Pinna Bernardo AATESP 056/0905

Dra. Selma Ciornai AATESP 014/1203

Dra. Sonia Maria Bufarah Tommasi AATESP 251/0113

Dr. Sandro Leite AATESP 023/1203

Ms. Artemisa de Andrade e Santos ASPOART 037/11/09

Ms. Claudia Regina Teixeira Colagrande AATESP 100/0109

Ms. Dilaina Paula dos Santos AATESP 011/1203

Ms. Ivana Mariani Michelon AATERGS 032/0505

Ms. Lídia Lacava AATESP 039/0504

Ms. Mailde Jerônimo Trípoli AATESP 070/0507

Ms. Marcieli Cristine do Amaral Santos AATESP 157/0510



Ms. Rozelia Vasques Ortiz AATERGS 133/0916

Ms. Tania Cristina Freire AATESP 053/0305

Ms. Valéria G. C. Monteiro AATESP 340/061

Esp. Angelica Shigihara de Lima AATERGS 001/0603

Esp. Marcia Bertelli Bottini ASPOART 013/01/05

Esp. Maria Angela Gaspari AATESP 138/0410

Esp. Mônica Guttmann AATESP 032/1203

### **Capa**

Ana Alice Nabas Francisquetti

### **Formatação, Editoração**

Esp. Gisela Dias AATESP 688/0920

### **Ressalva**

Os artigos são de responsabilidade exclusiva dos autores e as opiniões e julgamentos neles contidos não expressam necessariamente o pensamento dos Editores ou Conselho Editorial. Citação parcial permitida, com referência à fonte.



**REVISTA de ARTETERAPIA da AATESP**

**Publicação:** Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo

**ASSOCIAÇÃO DE ARTETERAPIA DO ESTADO DE SÃO PAULO**

**Diretoria – Gestão 2021-2022**

**Diretora Gerente**

Dilaina Paula dos Santos

**1ª Diretora Adjunta**

Lara Nassar Scalise

**2ª Diretor Adjunto**

Sandro José da Silva Leite

**1ª. Secretária**

Marcia Cristina de Aguiar

**2ª. Secretária**

Valéria Gonçalves da Cruz Monteiro

**1º. Tesoureira**

Cristina de Barros Shigueru

**2ª Tesoureira**

Teresa Kam Teng

**Conselho Fiscal**

Celso Luiz Falaschi

Alexandre Teixeira Pinto Eschenbach

Ligia Kohan Tarandach

Elaine Cristina Tomaz Silva

**Revista**

Leila Nazareth

Deolinda Maria da Costa Florim Fabietti

Maria Angela Gaspari

## Sumário

### EDITORIAL

<b>Arteterapia em diferentes contextos .....</b>	<b>02</b>
Leila Nazareth	

### ARTIGO CIENTÍFICO ORIGINAL

<b>Percepção de dependentes de drogas a partir de um desenho da ponte em Arteterapia associado ao processo de tratamento .....</b>	<b>05</b>
Ana Cláudia Afonso Valladares-Torres, Luana Jacinto da Silva	

### ARTIGO CIENTÍFICO DE REVISÃO TEÓRICA

<b>Imaginação Ativa e Arteterapia: possibilidades de integração .....</b>	<b>22</b>
Glaucia Castelluber	

### RELATO DE EXPERIÊNCIA

<b>“Eu não sei desenhar!”: uma experiência <i>on-line</i> com grupos rotativos .....</b>	<b>31</b>
Maíra Oliveira Bentim	

### RELATO DE EXPERIÊNCIA

<b>Reciclando almas: o uso de colagem e garrafas na arteterapia para a libertação interior .....</b>	<b>47</b>
Priscila Reuter	

### RELATO DE EXPERIÊNCIA

<b>Re-criar uma história de vida: reconstruindo narrativas .....</b>	<b>65</b>
Celina Rozenblum Lefelman	

**EDITORIAL****Arteterapia em diferentes contextos**

Leila Nazareth

No segundo ano da pandemia de covid-19, continuamos enfrentando grandes desafios no nosso cotidiano, como perdas individuais e coletivas, restrições, sofrimentos físico e psíquicos, dificuldades nas relações sociais, entre tantos outros. A Arteterapia brasileira tem se mostrado robusta e flexível, ocupando espaços onde se identifica a necessidade de intervenção em prol da saúde mental do ser humano. Nossa produção, ainda que restrita em número, vem apresentando o olhar diversificado de nossa categoria. Reflexo dos novos tempos e dos novos hábitos desenvolvidos a partir do isolamento social, alguns trabalhos aqui apresentados centram-se no atendimento *on-line*. Outros ocupam o espaço institucional presencialmente, outros ainda, o contexto clínico. Essa diversidade de contextos é uma das características dos trabalhos presentes nesta edição. A criatividade na abordagem ao ser humano é o recurso inseparável da Arteterapia, que acompanha cada artigo que compõe este número de nossa Revista.

**Valladares-Torres e Silva** trazem para nossa reflexão o artigo **Percepção de dependentes de drogas a partir de um desenho da ponte em Arteterapia associado ao processo de tratamento**. Trata-se de um estudo descritivo exploratório que segue uma abordagem quantitativa, que teve como sujeitos usuários de drogas e outras substâncias psicoativas, tendo como ponto de partida o desenho de uma ponte. Os sujeitos foram organizados conforme os estágios de tratamento em que se encontravam; desse modo, foi estabelecida uma relação entre estágios de tratamento e estágios de mudança alcançados. Nesse trabalho, foram analisados os desenhos, bem como os discursos dos sujeitos sobre essa produção gráfica. As autoras concluem que o desenho da ponte como estratégia terapêutica favoreceu a verbalização de emoções e sentimentos e sugerem que tal dinâmica possa ser inserida no trabalho do CAPS-ad e em outros equipamentos de saúde mental. O caráter lúdico e criativo desse procedimento auxilia os participantes a expressarem seus sentimentos e suas emoções com maior naturalidade.

Na sequência, **Glauca Castelluber** apresenta o artigo de revisão teórica **Imaginação ativa e Arteterapia: possibilidades de integração**. Nesse trabalho, a autora estabeleceu conexões entre a técnica de Imaginação Ativa, proposta por C.G. Jung, Arteterapia e as possibilidades de um trabalho complementar de autoconhecimento e

integração da psique. Desse modo, foram discutidos alguns conceitos da Psicologia Analítica de Jung, tais como psique, inconsciente pessoal e coletivo, arquétipos, consciência e ego. A técnica de Imaginação Ativa foi focalizada por meio das contribuições de Robert Johnson. Na conclusão apresentada, foi possível notar que tanto a Imaginação Ativa como a Arteterapia atuam na facilitação do acesso a conteúdos inconscientes e podem se complementar no atendimento clínico.

Já no artigo **Eu não sei desenhar: uma experiência on-line com grupos rotativos**, de **Maíra Betim**, fruto do projeto de formação da autora, foram oferecidas 12 oficinas *on-line* em processo síncrono que consistiram em encontros semanais com uma hora de duração cada. Para essas oficinas foram organizados grupos abertos e a temática abordada foram os quatro elementos da natureza e suas representações mitológicas. As conclusões apontam para a importância da presença, para o acolhimento e a abertura para o novo. Destacam-se também as dificuldades do trabalho mediado por recursos digitais, como falhas na conexão e as limitações da visualização na tela. No entanto, a possibilidade de estender o trabalho arteterapêutico a grupos grandes de participantes atuou como compensação às limitações apontadas.

**Priscila Reuter** traz à discussão o artigo **Reciclando almas: o uso de colagens e garrafas na Arteterapia para a libertação interior**. A autora relata o atendimento *on-line* que desenvolveu com três grupos de mulheres e um caso individual, visando ao fortalecimento da autoestima, com reconstrução e libertação interior. As técnicas utilizadas foram colagem e reconstrução criativa com materiais recicláveis, particularmente garrafas, utilizadas como forma de referência ao útero, o vaso sagrado feminino, segundo as proposições alquímicas. Os quatro elementos da natureza – terra, fogo, água e ar – foram os facilitadores do acesso a sentimentos e emoções. Os mitos de Afrodite, Deméter, Isis e Fênix mediarão o acesso à alma e o processo de desenvolvimento do autoamor.

O último artigo a compor nosso exemplar é **Re-criar uma história de vida: reconstruindo narrativas**. O objetivo foi definido como discutir a importância da construção da história de vida junto a crianças que passaram por algum evento traumático, tendo como base o uso da Arteterapia, especificamente a técnica denominada aporte integrativo. É discutido um episódio clínico de uma criança precocemente separada de sua mãe biológica. A análise centra-se na intervenção da arteterapeuta junto à criança, na construção de uma narrativa coerente, que favorecesse a compreensão da situação traumática e respeitasse o momento de seu desenvolvimento emocional. A autora conclui afirmando que o modelo terapêutico proposto pode levar à criação de vínculos afetivos seguros, tendo a narrativa da história de vida do paciente como um recurso para a sustentação emocional.

Esperamos que a leitura dos textos reunidos aqui traga inspiração para novos olhares e ampliem as nossas possibilidades de atuação, permitindo que a Arteterapia

brasileira se fortaleça e possa mostrar toda sua pujança. Desejamos, além disso, que essa leitura inspire cada vez mais a comunicação dos trabalhos tão importantes que são desenvolvidos por nossa categoria profissional. Convidamos a todos os arteterapeutas a ocuparem este espaço de divulgação científica. Para tal, consultem as normas de publicação no final deste exemplar. Uma proveitosa leitura a todos.

## ARTIGO CIENTÍFICO ORIGINAL

**Percepção de dependentes de drogas a partir de um desenho da ponte em Arteterapia associado ao processo de tratamento****Perception of drug addicts from a bridge design in Art therapy associated with the treatment process**Ana Cláudia Afonso Valladares-Torres<sup>1</sup>Luana Jacinto da Silva<sup>2</sup>

**Resumo:** Essa pesquisa objetivou identificar os aspectos associados ao processo de tratamento de dependentes de álcool e de outras drogas a partir de um desenho da “ponte”, segundo a percepção dos usuários, de forma comparativa entre pessoas recém-ingressas ao serviço e as que estavam em médio e em longo processo de tratamento. Além disso, o trabalho busca traçar o perfil sociodemográfico, clínico e psiquiátrico de forma comparativa, entre os grupos avaliados. Método: Estudo descritivo e exploratório com abordagem quali-quantitativa; todas as análises foram realizadas de forma comparativa entre três grupos: início, intermediário e avançado de tratamento. Resultados: Obteve-se uma amostra de 108 desenhos da “ponte” representados por usuários dependentes de drogas de um CAPS-ad de ambos os gêneros, com idade entre 18 e 77 anos e com média de idade de 42,8 anos. Houve prevalência do gênero masculino e de alcoolistas em todos os grupos. Os Estágios de Mudança tiveram variação entre os grupos: os integrantes do Grupo Início (GIN) tiveram maior predominância nos Estágios 1 e 2. Já os do Grupo Intermediário (GIT) no Estágio 2 e do Grupo Avançado (GA) nos Estágios 4 e 5. O estudo revelou que os participantes do GA, diferentes dos outros grupos, elaboraram pontes construídas de material mais resistente e maiores e com sentimentos mais positivos, como alegria, segurança, riqueza de elementos, beleza e flexibilidade. Sobre as histórias do desenho, foi possível identificar cinco categorias temáticas: (a) projeção da sua própria expressão emocional ou relacionada ao tratamento da dependência de drogas; (b) manifestação de recaídas ao longo do tratamento; (c) conscientização do significado simbólico de travessia ou passagem; (d) mediação para a solução dos problemas ou de aspectos saudáveis em relação ao futuro e (e) não relacionada com o sofrimento psíquico decorrente da

<sup>1</sup> Doutora em Enfermagem Psiquiátrica pela Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/Universidade de São Paulo, Enfermeira e Arteterapeuta, registro n.001/01003 da Associação Brasil Central de Arteterapia. Professora Adjunta da Universidade de Brasília (UnB). Brasília, Distrito Federal, Brasil. *E-mail:* aclauiaval@unb.br ou aclauiaval@terra.com.br

<sup>2</sup> Graduanda em Enfermagem pela UnB. Brasília, Distrito Federal, Brasil. *E-mail:* jacintoluana4@gmail.com

dependência de drogas, com o tratamento ou com a vida pessoal. **Conclusão:** A percepção dos desenhos da “ponte” e os discursos sobre eles, seguiram-se semelhantes ao estado emocional que se encontravam no momento da coleta de dados, além de que o processo de tratamento e os cuidados ofertados pela instituição de saúde mental levaram a uma melhoria no estado mental dos seus usuários.

**Palavras-chave:** Arteterapia; Terapia pela arte; Transtornos relacionados ao uso de substâncias; Saúde mental; Cuidar em saúde.

**Abstract:** This research aimed to identify the aspects associated with the length of treatment of alcohol and other drug addicts, based on a “bridge” design, according to the perception of users in a comparative way between people who had just joined the service, those who were in the medium and long treatment time. In addition to tracing the sociodemographic, clinical and psychiatric profile in a comparative way, between the evaluated groups. Method: Descriptive, exploratory study with a qualiquantitative approach and all analyzes were carried out in a comparative way between three groups: beginning, intermediate and advanced treatment. Results: A sample of 108 “bridge” drawings represented by drug dependent users of a CAPS-ad of both genders, aged between 18 and 77 years and with a mean age of 42.8 years, was obtained. There was a prevalence of males and alcoholics in all groups. The Stages of Change varied between the groups, with the members of the Beginning Group (GIN) having a greater predominance in Stages 1 and 2, the Intermediate Group (GIT) in Stage 2 and the Advanced Group (AG) in Stages 4 and 5. The study revealed that the GA participants, different from the other groups, elaborate bridges made of stronger and bigger material and with more positive feelings, such as joy, security, richness of elements, beauty and flexibility. And about the drawing stories, it was possible to identify five thematic categories: (a) projection of their own emotional expression or related to the treatment of drug addiction; (b) manifestation of relapses during treatment; (c) awareness of the symbolic meaning of crossing or passage; (d) mediation for the solution of problems or healthy aspects in relation to the future and (e) not related to the psychological suffering resulting from drug addiction, treatment or personal life. Conclusion: The perception of the designs of the “bridge” and the speeches about it, followed similar to the emotional state they were in at the time of data collection, in addition to the time of treatment and care offered by the institution of mental health improves the mental state of its users.

**Keywords:** Art therapy; Substance-related disorders; Mental health; Health care process.

## Introdução

É sabido que, ao longo da história, o ser humano sempre recorreu ao uso de substâncias psicoativas lícitas (fumo e álcool) e/ou ilícitas (*crack*, cocaína, maconha) em busca de prazer, para fugir do sofrimento ou até mesmo em rituais religiosos. As motivações, circunstâncias e formas de obtenção dessas substâncias foram variando ao longo do tempo. O consumo de substâncias psicoativas está diretamente associado às interações da pessoa e ao meio em que habita (BRASIL, 2015).

Essas substâncias afetam todas as dimensões da vida de seus usuários, provocam menor capacidade de julgamento, dificuldades profissionais, abandono de estudos, comportamento violento, rompimento de vínculos, principalmente familiares, problemas psiquiátricos, entre outras questões. O prazer que a droga proporciona facilita a compulsão pelo uso/abuso dessas substâncias e promove anormalidades comportamentais e dificuldades sociais (GUERRA; VANDENBERGHE, 2017). O crescente consumo de drogas tem-se tornado um sério problema de saúde pública, o que requer ações para minimizar as possíveis consequências de agravos à saúde (BRASIL, 2015).

A partir do aumento exacerbado no consumo de substâncias psicoativas e o aumento da dependência delas, surgiram os Centros de Atenção Psicossocial para usuários de álcool e outras drogas (CAPS-ad), como serviço público e substitutivo aos antigos tratamentos anteriores à Reforma Psiquiátrica e que oferecem assistência aos usuários dependentes de drogas e seus familiares voltada à sua reinserção familiar, social e comunitária (LACERDA; FUENTES-ROJAS, 2017). Os CAPS-ad, criados como modelos substitutivos aos antigos hospitais psiquiátricos, oferecem aos seus usuários acompanhamento clínico, lazer, incentivo ao exercício dos direitos civis, fortalecimento dos laços familiares e comunitários; também proporciona atividades criativas e dinâmicas, além de estratégias de apoio emocional, com o objetivo de ajudar o indivíduo a lidar com situações adversas (SNPD, 2017b).

O tratamento da pessoa dependente de álcool e de drogas, de acordo com a lógica manicomial, predizia que o indivíduo deveria ficar excluído do convívio social, o que promovia o enfraquecimento, a fragilização e o rompimento dos laços familiares e sociais. A atuação em saúde era centrada na doença, no quadro clínico e nos sintomas, excluindo a individualidade do sujeito em seus aspectos mais amplos, como os sociais e comunitários. Dessa forma, os CAPS surgiram pela necessidade de criar uma instituição que considerasse o sujeito como um todo, buscando outros recursos além da medicação, para tratar esses indivíduos (SILVA; PAULA JÚNIOR; ARAÚJO, 2018). A inserção de atividades grupais, terapêuticas e criativas nos CAPS-ad, além dos cuidados em saúde física, como a Arteterapia, visam facilitar a criação de vínculo positivo e serem atraentes aos usuários na

continuidade do tratamento e favorecem despertar sujeitos mais ativos e participativos no seu processo de reabilitação psicossocial (SOARES; VALLADARES-TORRES, 2020).

A Arteterapia permite ser uma possibilidade terapêutica aplicada por várias instituições para o tratamento de pessoas com transtorno mental e que precisam de reabilitação física, em que é trabalhado o bem-estar como facilitador e pode promover o bem-estar geral e a melhoria da qualidade de vida (FACCO *et al.*, 2016). A Arteterapia é um processo terapêutico no qual o participante tem a oportunidade de se expressar e exteriorizar os seus mais diversos e profundos pensamentos e sentimentos por meio da arte; é uma ferramenta de grande valia, pois ajuda o indivíduo a encontrar um sentido para a sua existência (TORRES; LIMA, 2020; VALLADARES-TORRES, 2021).

Para acompanhar a pessoa dependente de drogas ao longo do seu tratamento, é importante compreender em que Estágio de Mudança ela se encontra. Esses estágios foram definidos por Prochaska, DiClemente e Norcross (1992) e são divididos em cinco fases, a saber: pré-contemplação (Estágio 1), contemplação (Estágio 2), preparação (Estágio 3), ação (Estágio 4) e manutenção (Estágio 5). A identificação do estágio em que o paciente se encontra permite que o profissional avalie o quão disposto o indivíduo está em realizar mudanças em seu comportamento relacionado ao uso de substâncias e ao estilo de vida.

No Estágio 1, chamado de pré-contemplação, o indivíduo não considera o álcool e/ou outras drogas um problema. Não possui nenhuma preocupação, não sabe ou não aceita que o uso de substâncias seja um risco. Nesse estágio, os pacientes não demonstram interesse por mudanças, mas estão abertos a receber informações sobre o seu consumo. No Estágio 2, contemplação, o sujeito considera diminuir ou parar o uso de substâncias psicoativas. Nesse estágio, o paciente se encontra em ambivalência, ou seja, tanto considera mudar como rejeitar o uso dessas substâncias. Além disso, os indivíduos conseguem perceber as vantagens e as desvantagens em relação ao seu uso e conseguem ter consciência quanto aos malefícios que elas podem causar.

Já no Estágio 3, preparação, o paciente reconhece as drogas como o causador de seus problemas e se propõe a mudar seu comportamento; dessa forma, desenvolve estratégias que coloquem em prática essas mudanças. No Estágio 4, relacionado à ação, o paciente coloca em prática as estratégias e os planos para conseguir atingir suas metas de mudanças. No Estágio 5, manutenção, o desafio é manter o seu novo comportamento, que necessita ser continuamente reforçado e encorajado. É nesse estágio que deslizos e recaídas podem acontecer e até são esperados. A recaída não deve ser considerada um fracasso no tratamento, mas, sim, uma oportunidade de fortalecer aspectos que foram pouco discutidos com o paciente. Quando ocorrem recaídas, os pacientes costumam voltar aos estágios de pré-contemplação, de contemplação e de ação. Para haver mudanças de

comportamento, o indivíduo deve se sentir pronto e disposto a mudar e essa capacidade está relacionada à importância dada pelos diferentes pacientes.

Poucos estudos abordam trabalhos de Arteterapia com dependentes de drogas relacionando com o processo de tratamento e os Estágios de Mudança. Portanto, esta pesquisa objetiva identificar os aspectos associados ao processo de tratamento de dependentes de álcool e de outras drogas a partir de um desenho da “ponte”, segundo a percepção dos usuários de forma comparativa entre pessoas recém-ingressas ao serviço e as que estavam em médio e longo processos de tratamento. Além disso, objetiva traçar o perfil sociodemográfico, clínico e psiquiátrico de forma comparativa entre os grupos avaliados.

## **Método**

### *Tipo de estudo*

Estudo descritivo e exploratório com abordagem qualiquantitativa e comparativa. A análise qualitativa explorou o caráter subjetivo das verbalizações associadas ao desenho da “ponte” e a análise quantitativa evidenciou o aspecto objetivo do perfil dos participantes e as características atribuídas à ponte elaborada. Todas as análises foram realizadas de forma comparativa entre três grupos: início, intermediário e avançado de tratamento.

### *Participantes da pesquisa*

Obteve-se uma amostra de 108 desenhos representados por usuários dependentes de drogas participantes do CAPS-ad III de ambos os gêneros com idade acima de 18 anos e aquiescentes à investigação. Destaca-se que os participantes aderiram à pesquisa de forma anônima e voluntária, após serem esclarecidos os objetivos e a forma de participação, sendo sempre considerados os procedimentos éticos vigentes.

Cada participante desenvolveu um desenho único, os mesmos foram catalogados conforme a admissão no CAPS-ad e foram enumerados de P<sub>1</sub> a P<sub>108</sub>. Para serem analisados e comparados os desenhos da “ponte”, foram selecionados para integrar o *Grupo Início* (GIN) os desenhos de P<sub>1</sub> a P<sub>36</sub>, para integrar o *Grupo Intermediário* (GIT) elegeu-se de P<sub>37</sub> a P<sub>72</sub> e, finalmente, para separar os desenhos do *Grupo Avançado* (GA) optou-se pelo P<sub>73</sub> a P<sub>108</sub>. Dessa forma, foram escolhidos 36 desenhos para cada grupo comparativo e de conformidade com o processo de tratamento. Os desenhos do grupo início (GIN) tiveram menor tempo de tratamento e os desenhos do grupo avançado (GA) um tempo mais longo de tratamento.



mediana; pobre e/ou rica; bonita e/ou feia; resistente e/ou flexível e por quê?) e uma história sobre o desenho produzido.

A intervenção de Arteterapia foi coordenada por uma arteterapeuta e por acadêmicos de Enfermagem da UnB, pesquisadores que contribuíram durante a intervenção, ora no acompanhamento da confecção dos desenhos e do questionário sobre elas, ora na busca ativa dos dados dos participantes. Utilizando as salas da instituição, foram realizados encontros únicos e individuais de Arteterapia com os participantes com uma duração de, no mínimo, uma hora e, no máximo, duas horas com cada participante durante os meses de março a novembro de 2019.

### *Análise dos dados*

O resultado foi organizado de maneira descritiva e exploratória qualiquantitativa e comparativa, entre os três grupos: o grupo início (GIN) – com tempo de tratamento menor que dois meses; o grupo intermediário (GIT) – com tempo de tratamento de três a dezoito meses; e o grupo avançado (GA) – com tempo de tratamento acima de dois anos. Além disso, foram organizados em três temas que incluíram as características dos participantes, os aspectos gerais referentes à características da “ponte” elaborada e as categorias sobre as histórias nomeadas ao desenho da “ponte” criado.

Optou-se pela análise quantitativa em que se agregaram as frequências e porcentagens das variáveis numéricas dos dados sobre as características dos participantes e sobre os aspectos gerais referentes às características da “ponte” elaborada. No tratamento sobre as histórias do desenho da “ponte” criadas, seguiu-se com a análise de conteúdo temático de Bardin (2011). Os dados foram apresentados em forma de tabela, quadros e gráficos.

### *Procedimentos éticos*

Esta pesquisa faz parte do projeto guarda-chuva intitulado **A Arteterapia como dispositivo terapêutico nas toxicomanias**, que foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Fundação de Ensino e Pesquisa em Ciências da Saúde, conforme o CAAE nº 44625915400005553. Todos os participantes aceitaram participar da pesquisa e todos assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Com o objetivo de garantir o anonimato, os participantes foram nomeados pela letra “P”, sendo individualizados por um número posterior à letra, de forma sequencial, que foi padronizado ao longo do artigo. Os participantes foram classificados de maneira crescente pelo processo de acompanhamento no CAPS-ad (Ex. P<sub>1</sub> a P<sub>108</sub>). Dessa forma, quanto menor o número registrado, menor o tempo de acompanhamento do participante no CAPS-ad.

## Resultados

### Características dos participantes

Nesta pesquisa foram levantados 108 desenhos-história e os participantes, de forma geral, tinham entre 18 e 77 anos, com média de idade de 42,8 anos e a maioria (80,6%) dos participantes de todos os grupos era do gênero masculino e alcoolista. Já os Estágios de Mudança tiveram variação entre os grupos; os integrantes do Grupo Início (GIN) tiveram maior predominância nos Estágios 1 e 2; os do Grupo Intermediário (GIT) no Estágio 2 e os do Grupo Avançado (GA) nos Estágios 4 e 5. As características dos participantes discriminados entre os três grupos foram apresentadas no Quadro 1.

**Quadro 1** - Características dos participantes da pesquisa de conformidade com os três grupos trabalhados. Brasília, Distrito Federal, Brasil, 2021. (N=108)

Variáveis	Grupo Início (GIN)		Grupo Intermediário (GIT)		Grupo Avançado (GA)	
	Total (n=36)	Porcentagem (%)	Total (n)	Porcentagem (%)	Total (n)	Porcentagem (%)
<b>Sexo</b>						
Masculino	29	80,6%	29	80,6%	29	80,6%
Feminino	07	19,4%	07	19,4%	07	19,4%
<b>Idade</b>						
18-35	13	36,2%	08	22,2%	12	3,4%
36-49	16	44,4%	13	36,1%	08	22,2%
50 ou mais	07	19,4%	15	41,7%	16	44,4%
<b>Droga de Dependência</b>						
Álcool	17	47,2%	25	69,4%	20	55,6%
Crack/Cocaína	03	8,4%	02	5,6%	01	2,7%
Cannabis	01	2,7%	01	2,7%	02	5,6%
Múltiplas Drogas	15	41,7%	08	22,3%	13	36,1%
<b>Estágio de Mudança</b>						
Estágio 1 - Pré-contemplação	14	38,9%	10	27,8%	02	5,6%
Estágio 2 - Contemplação	15	41,7%	13	36,1%	09	25%
Estágio 3 - Preparação	06	16,7%	07	19,4%	02	5,6%
Estágio 4 ou 5 - Ação/Manutenção	01	2,7%	06	16,7%	23	63,8%

Fonte: Dados da pesquisa, 2021.

### Categorias das respostas sobre a “ponte” desenhada

As características nomeadas da “ponte” desenhada incluem a natureza do tráfego, o tipo de material confeccionado pela elaboração da ponte, bem como tamanho, altura, sentimentos e características gerais relacionados à “ponte” elaborada. A seguir, elas são expostas e discriminadas entre os três grupos: Quadro 2, Gráfico 1 e Gráfico 2.

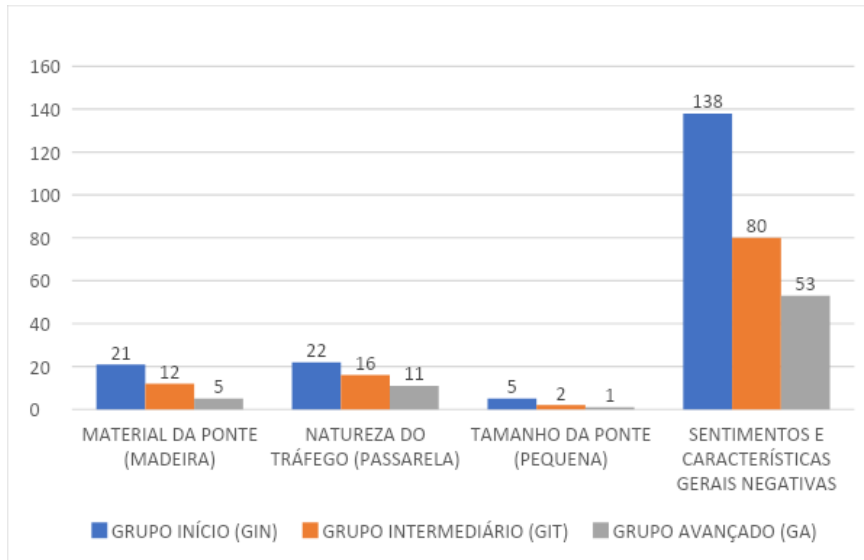
**Quadro 2** - Características dos desenhos nomeadas pelos participantes dos três grupos trabalhados. Brasília, Distrito Federal, Brasil, 2021. (N=108)

Variáveis	Grupo Início (GIN) N=36		Grupo Intermediário (GIT) N=36		Grupo Avançado (GA) N=36	
	Total (n)	Porcentagem (%)	Total (n)	Porcentagem (%)	Total (n)	Porcentagem (%)
<b>Material da ponte</b>						
Madeira	21	58,3%	10	27,8%	05	13,8%
Concreto	08	22,2%	21	58,3%	20	55,6%
Metálica	03	8,4%	01	2,7%	08	22,2%
Outros	04	11,1%	04	11,2%	03	8,4%
<b>Natureza do tráfego</b>						
Passarela	22	61,1%	16	44,4%	11	30,6%
Rodoviária	09	25%	16	44,4%	24	66,7%
Outras	05	13,9%	04	11,2%	01	2,7%
<b>Tamanho da ponte</b>						
Grande	21	58,3%	24	66,8%	25	69,5%
Média	10	27,8%	11	30,6%	10	27,8%
Pequena	05	13,9%	02	5,6%	01	2,7%
<b>Altura da ponte</b>						
Alta	19	52,8%	20	55,6%	21	58,3%
Mediana	11	30,6%	11	30,6%	11	30,6%
Baixa	06	16,6%	05	13,8%	04	11,1%
<b>Sentimentos e características gerais</b>						
Triste	18	50%	09	25%	04	11,1%
Feliz	18	50%	25	69,4%	32	88,9%
Perigosa	15	41,7%	12	33,3%	09	25%
Segura	21	58,3%	24	66,7%	29	80,6%
Gera medo ou ansiedade	24	66,7%	18	50%	13	36,1%
Amiga	12	33,3%	18	50%	23	63,9%
Frágil	14	38,9%	07	19,4%	03	8,3%
Forte	12	33,3%	19	52,8%	23	63,9%
Pobreza de elementos	12	33,3%	08	22,2%	02	5,6%
Riqueza de elementos	12	33,3%	20	55,6%	24	66,7%
Feia	08	22,2%	04	11,1%	06	16,7%
Bonita	24	66,7%	31	86,1%	28	77,8%
Dureza e/ou Resistente	30	83,3%	25	69,4%	24	66,7%
Macia e/ou Flexível	03	8,3%	09	25%	08	22,2%

Fonte: Dados da pesquisa, 2021.

Em relação aos itens que obtiveram pontuação mais elevada no Grupo Início (GIN) e regressão progressiva em menor escala no Grupo Intermediário (GIT) e maior escala no Grupo Avançado (GA), foram apresentados: (a) Material da ponte – madeira; (b) Natureza do tráfego – passarela; (c) Tamanho da ponte – pequena; (d) Sentimentos e características gerais negativas da ponte – tristeza, perigosa, gera medo ou ansiedade, fragilidade, pobreza de elementos, dureza e/ou resistência. Veja as informações no Gráfico 1 a seguir.

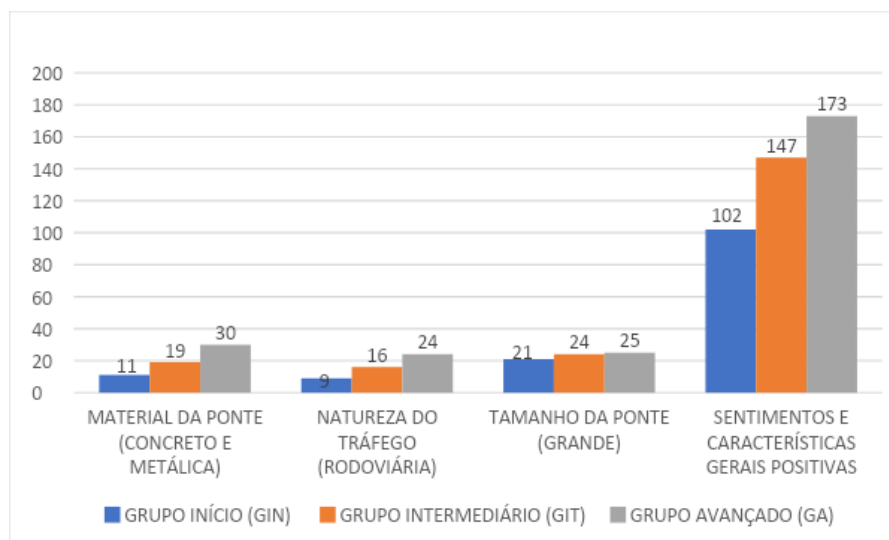
**Gráfico 1** - Pontuação reduzida referente ao material da ponte, natureza do tráfego, tamanho da ponte e sentimentos e características negativas do Grupo Inicial (GIN) ao Grupo Avançado (GA). Brasília, Distrito Federal, Brasil, 2021. (N=108).



Fonte: Dados da pesquisa, 2021.

Sobre os itens que obtiveram aumento na pontuação no Grupo Avançado (GA) em relação aos outros grupos, como maior escala no Grupo Início (GIN) e menor no Grupo Intermediário (GIT), foi apontada a seguir: (a) Material da ponte – concreto ou metálica; (b) Natureza do tráfego – rodoviária; (c) Tamanho da ponte – grande; (d) Sentimentos e características gerais positivas da ponte – alegria, segurança, amizade, fortaleza, riqueza de elementos, bonita, macia e/ou flexível. A seguir, veja as informações no Gráfico 2.

**Gráfico 2** - Pontuação aumentada em relação ao material da ponte, natureza do tráfego, tamanho da ponte e sentimentos e características negativas do Grupo Inicial (GIN) ao Grupo Avançado (GA). Brasília, Distrito Federal, Brasil, 2021. (N=108).



Fonte: Dados da pesquisa, 2021.

### Categorias sobre as histórias nomeadas ao desenho da “ponte” criado

No tratamento sobre as histórias do desenho da “ponte” criada, foi possível identificar cinco categorias temáticas, assim categorizadas: (a) projeção da sua própria expressão emocional ou relacionada ao tratamento da dependência de drogas; (b) manifestação de recaídas ao longo do tratamento; (c) conscientização do significado simbólico de travessia ou passagem; (d) mediação para a solução dos problemas ou de aspectos saudáveis em relação ao futuro; e (e) não relacionada com o sofrimento psíquico decorrente da dependência de drogas, com o tratamento ou com a vida pessoal.

**Quadro 3** - Achados resumidos contemplando as características distintas predominantes encontradas nos trabalhos referentes ao desenho dos três grupos, em relação aos dos desenhos da “ponte” dos três grupos avaliados. (n=108)

<b>Categorias temáticas emersas sobre o desenho da “ponte”</b>		
<b>Grupo Início (GIN) N=36</b>	<b>Grupo Intermediário (GIT) N=36</b>	<b>Grupo Avançado (GA) N=36</b>
<b>(a) Projeção da sua própria expressão emocional ou relacionada ao tratamento da dependência de drogas</b>		
<i>A ponte é semelhante ao que eu sinto (P<sub>8</sub>), ao meu trajeto de vida (P<sub>17</sub>, P<sub>32</sub>), às minhas fragilidades (P<sub>22</sub>, P<sub>28</sub>).</i> <b>N=5 participantes</b>	<i>A ponte se parece comigo (P<sub>44</sub>, P<sub>56</sub>, P<sub>58</sub>, P<sub>62</sub>, P<sub>63</sub>), assim como eu, ela aguenta muita coisa (P<sub>47</sub>), simboliza meu tratamento (P<sub>50</sub>, P<sub>57</sub>, P<sub>68</sub>, P<sub>69</sub>).</i> <b>N=10 participantes</b>	<i>A ponte representa a minha vida ou é minha ponte interna (P<sub>77</sub>, P<sub>80</sub>, P<sub>83</sub>, P<sub>84</sub>, P<sub>87</sub>, P<sub>89</sub>, P<sub>95</sub>, P<sub>98</sub>, P<sub>103</sub>), é semelhante ao meu tratamento (P<sub>78</sub>, P<sub>79</sub>, P<sub>85</sub>, P<sub>90</sub>, P<sub>92</sub>, P<sub>94</sub>), é a minha mudança de vida (P<sub>107</sub>).</i> <b>N=16 participantes</b>
<b>(b) Manifestação de recaídas ao longo do tratamento</b>		
<b>N=0 participante</b>	<i>A ponte é uma travessia perigosa em que a pessoa pode cair (P<sub>49</sub>).</i> <b>N=1 participante</b>	<i>A ponte precisa ser bem feita para diminuir as recaídas (P<sub>78</sub>). Simboliza a dualidade da minha vida para eu não recair (P<sub>93</sub>). Representa o caminho que leva à minhas recaídas (P<sub>96</sub>). Na travessia pela ponte, tem-se o risco de escorregar (P<sub>82</sub>). Ponte representa o que tenho que ultrapassar para não ter recaídas (P<sub>90</sub>). Atravessar para o outro lado sem usar drogas, sem recaídas (P<sub>105</sub>). Eu estou cruzando a ponte em direção à felicidade, após minha recaída (P<sub>74</sub>). A ponte leva em direção à felicidade, mas às vezes tem um ponto fraco (P<sub>100</sub>).</i> <b>N=8 participantes</b>

<b>(c) Conscientização do significado simbólico de travessia ou passagem</b>		
<p><i>A ponte é a passagem do perigo/fracasso para o alívio/sucesso (P<sub>11</sub>, P<sub>16</sub>, P<sub>27</sub>).</i> <b>N=3 participantes</b></p>	<p><i>A ponte é uma travessia perigosa (P<sub>49</sub>), que gera sofrimento e medo (P<sub>45</sub>).</i> <i>A ponte é a passagem da vida que sempre existiu, mas poucos percebem (P<sub>54</sub>).</i> <i>A ponte é uma travessia segura (P<sub>60</sub>, P<sub>61</sub>, P<sub>65</sub>).</i> <b>N=6 participantes</b></p>	<p><i>A ponte é a travessia para uma vida melhor (P<sub>76</sub>, P<sub>79</sub>, P<sub>85</sub>, P<sub>99</sub>, P<sub>101</sub>, P<sub>105</sub>), para um caminho seguro (P<sub>78</sub>, P<sub>80</sub>) e certo (P<sub>78</sub>, P<sub>91</sub>), para encontrarmos com a felicidade (P<sub>81</sub>), para chegar à alegria e à beleza de viver (P<sub>82</sub>).</i> <i>É a passagem do meu passado/presente para o meu futuro (P<sub>87</sub>, P<sub>97</sub>).</i> <b>N=14 participantes</b></p>
<b>(d) Mediação para a solução dos problemas ou de aspectos saudáveis em relação ao futuro</b>		
<p><i>A ponte leva ao caminho de cura (P<sub>23</sub>), vai me transformando em direção a outra vida melhor (P<sub>11</sub>, P<sub>24</sub>).</i> <b>N= 3 participantes</b></p>	<p><i>A ponte leva ao futuro e ao conseguir seguir em frente (P<sub>71</sub>), gera um descanso em um ambiente calmo e bonito (P<sub>38</sub>) e congrega pessoas para me ajudar (P<sub>41</sub>).</i> <b>N=3 participantes</b></p>	<p><i>A ponte leva à minha mudança de comportamento (P<sub>75</sub>), em direção à felicidade (P<sub>74</sub>, P<sub>100</sub>), a uma vida melhor (P<sub>76</sub>, P<sub>77</sub>, P<sub>85</sub>) e a um lugar seguro (P<sub>78</sub>, P<sub>80</sub>), alegre e bonito de viver (P<sub>82</sub>), com mais carinho para recuperar (P<sub>95</sub>).</i> <i>A ponte chega a realizar os meus sonhos (P<sub>83</sub>), ajuda a equilibrar ou estabilizar quem está passando para o renascimento (P<sub>104</sub>, P<sub>105</sub>) ou sinaliza o caminho para eu conquistar a vitória e atingir a sobriedade (P<sub>102</sub>).</i> <b>N=14 participantes</b></p>
<b>(e) Não relacionada com o sofrimento psíquico decorrente da dependência de drogas, com o tratamento ou com a vida pessoal</b>		
<p>(P<sub>1</sub>, P<sub>2</sub>, P<sub>3</sub>, P<sub>4</sub>, P<sub>5</sub>, P<sub>6</sub>, P<sub>7</sub>, P<sub>9</sub>, P<sub>10</sub>, P<sub>12</sub>, P<sub>13</sub>, P<sub>14</sub>, P<sub>15</sub>, P<sub>18</sub>, P<sub>19</sub>, P<sub>20</sub>, P<sub>21</sub>, P<sub>25</sub>, P<sub>26</sub>, P<sub>29</sub>, P<sub>30</sub>, P<sub>31</sub>, P<sub>33</sub>, P<sub>34</sub>, P<sub>35</sub>, P<sub>36</sub>).</p> <b>N=26 participantes</b>	<p>(P<sub>37</sub>, P<sub>39</sub>, P<sub>40</sub>, P<sub>42</sub>, P<sub>43</sub>, P<sub>46</sub>, P<sub>48</sub>, P<sub>51</sub>, P<sub>52</sub>, P<sub>53</sub>, P<sub>55</sub>, P<sub>59</sub>, P<sub>64</sub>, P<sub>66</sub>, P<sub>67</sub>, P<sub>70</sub>, P<sub>72</sub>).</p> <b>N=17 participantes</b>	<p>(P<sub>73</sub>, P<sub>86</sub>, P<sub>88</sub>, P<sub>91</sub>, P<sub>106</sub>, P<sub>108</sub>).</p> <b>N=6 participantes</b>

Fonte: Dados da pesquisa, 2021.

## Discussão

### *Características dos participantes*

Nesta pesquisa, foram levantados 108 desenhos-história produzidos por participantes com idades entre 18 e 77 anos, com média de idade de 42,8 anos e a maioria (80,6%) dos participantes de todos os três grupos do gênero masculino e alcoolista. A maior incidência do gênero masculino e de alcoolistas semelhante entre os grupos corrobora com os encontrados das pesquisas sobre os dados sociodemográficos e clínicos dos dependentes de drogas (OLIVEIRA *et al.*, 2017).

No que tange à idade, mostrou-se variadas, mas a média prevalente apresentou-se semelhante, de 41,1 anos para o Grupo Início (GIN) e com variação entre 18 e 77 anos, de 44,1 para o Grupo Intermediário (GIT) e com variação entre 18 e 71 anos e de 43,1 para o Grupo Avançado (GA) com uma variação entre 18 e 65 anos. O que significa uma média alta de idade das pessoas que buscam reabilitação e adesão ao CAPS-ad. Para Oliveira *et al.* (2017), é na fase adulta que as repercussões negativas se instalam na vida da pessoa dependente de drogas, o que faz com que a busca pela reabilitação nos CAPS-ad se instale em um período mais avançado de idade.

A maioria do Grupo Início (GIN) tinha um tempo de acompanhamento no CAPS-ad menor que um mês, o Grupo Intermediário (GIT) tinha um tempo de dois meses menor que um ano e o Grupo Avançado (GA), acima de dois anos. A média prevalente entre o Grupo Início (GIN) foi de 20 dias; a do Grupo Intermediário (GIT), de sete meses e meio; e a do Grupo Avançado (GA), de quatro anos e oito meses.

O tratamento no CAPS-ad é de até dois anos, entretanto, alguns usuários têm recaídas durante o tratamento e retornam à unidade em estágios de mudança regredidos, pois, mesmo que já estivesse no Estágio 5 – de manutenção, ao ter a recaída, a pessoa retorna ao Estágio inicial de Pré-Contemplanção ou, ainda, não consegue caminhar pelos Estágios e se fixa em um por mais tempo (PROCHASKA; DICLEMENTE; NORCROSS, 1992). Esses fatos justificam alguns participantes do Grupo Avançado (GA), por exemplo, estarem nessa fase. Contudo, o Quadro 1 expõe uma mudança de Estágios com o avançar do processo de acompanhamento no CAPS-ad e traz um número maior de pessoas nos Estágios 4 ou 5 – de Ação ou Manutenção no Grupo Avançado (GA).

#### *Aspectos gerais referentes à características da “ponte” elaborada*

Nota-se que, a partir dos dados assinalados pelos participantes do Grupo Início (GIN), passando pelo Grupo Intermediário (GIT) e ao chegar aos participantes do Grupo Avançado (GA), o material da ponte, que era madeira, modifica-se e passa a ser, prioritariamente, de concreto ou de metal; a natureza de tráfego altera de pedestres para pedestres e veículos e há predomínio do aumento do tamanho da ponte. Desse modo, pode-se deduzir que, conforme o avanço do processo de tratamento, os participantes se tornaram paralelamente mais fortes, com autoestima mais elevada, visto que a ponte vai se modificando e sendo construída de material mais forte, a natureza de tráfego altera para um trânsito mais pesado e o tamanho da ponte aumenta paralelamente.

Além disso, há redução dos seguintes aspectos: tristeza, perigo, medo, ansiedade, fragilidade, pobreza de elementos e dureza da ponte. E um aumento na alegria, na segurança, na amizade, na fortaleza, na riqueza de elementos, na beleza e na flexibilidade

da ponte. Isso pode ser relacionado ao início do tratamento, no qual o participante chega mais debilitado emocionalmente, com sintomas de ansiedade e depressão, sem diagnóstico e tratamento e, após um período de reabilitação psicossocial, esses sintomas tendem a reduzir. Muitos dependentes de drogas têm sido diagnosticados mais comumente com Transtornos de Ansiedade e de Depressão (PILLON *et al.*, 2019), o que justifica, em parte, a presença desses sintomas mais recorrentes no início do tratamento.

Complementam os autores Miranda e Guimarães (2021) e destacam que a dependência de drogas – sem tratamento – pode afetar a vida pessoal, familiar, social e profissional, além de desencadear sintomas psicóticos, medo, estresse e vulnerabilidade social. Isso pode estar simbolicamente associado a uma ponte triste, perigosa, ansiosa, frágil, pobre e inflexível. Infelizmente, como destaca Franco (2013), geralmente, as pessoas só buscam ajuda terapêutica quando seus recursos, suas vulnerabilidades e suas patologias (história de vida traumática, problemas psíquicos, problemas familiares e sociais e infecções adquiridas) aparecem ou apresentam gravidade.

#### *Categorias sobre as histórias nomeadas ao desenho da “ponte” criado*

Em relação à categoria temática em que os participantes não relacionaram a ponte ao sofrimento psíquico decorrente da dependência de drogas, com o tratamento ou sua vida pessoal, foi mais predominante no Grupo Início (GIN) e menos comum do Grupo Avançado (GA). Isso tem estreita associação com o Estágio 1 de Mudança denominado Pré-contemplação, no qual se supõe que os usuários não percebem a possibilidade de mudança em suas vidas e não consideram que a dependência lhes ocasione algum malefício.

Em relação aos demais grupos, com o Grupo Avançado (GA) ocorreu um aspecto inverso sobre a projeção direta da ponte com sua própria expressão emocional ou relacionada ao tratamento da dependência de drogas. Igualmente com as outras categorias temáticas, como a conscientização da significação simbólica de travessia ou passagem e a ponte como mediadora da preparação para a solução dos problemas ou de aspectos saudáveis para o futuro que apareceu no contexto das histórias relatadas sobre o desenho da “ponte”.

Os autores Darewych e Bowers (2018) também utilizaram essa técnica de desenho projetivo da “ponte” em Arteterapia e concluíram que ela pode estimular criativamente a imaginação dos participantes, visto que eles refletiram verbalmente sobre seus objetivos de vida, obtiveram *insights* reveladores sobre suas forças internas e suas emoções e até exploraram seus aspectos espirituais por meio do desenho.

Em especial a categoria manifestação de recaídas ao longo do tratamento relacionado com o desenho da “ponte”, não houve manifestação verbal sobre o tema, possivelmente, porque é no Estágio 5 de Mudança – definido por Prochaska, DiClemente e Norcross (1992), que se encontram às recaídas e poucos participantes do Grupo Início (GIN) ou do Grupo Intermediário (GIT) se encontravam nesse nível. Aspectos que demonstram que o processo de tratamento influencia na maior conscientização da dependência de drogas. As recaídas são recorrentes nas mudanças de padrão de comportamento e de estilo de vida, mas voltam ao uso da substância. Ainda assim, o usuário, quando se identifica nessa situação de risco, pode treinar estratégias de enfrentamento e recuperar sua autoeficácia (SNPD, 2017a).

Os aspectos importantes para que o tratamento seja efetivo são a sua continuidade e a mudança no estilo de vida que só ocorre com o processo e com a adesão ao tratamento. O CAPS-ad ajuda na construção e no gerenciamento do Projeto Terapêutico Singular e cuidados mais humanizados em saúde e reinserção psicossocial (SNPD, 2017b).

### **Considerações finais**

Ao identificar os aspectos associados ao processo de tratamento de dependentes de álcool e de outras drogas, por meio do desenho da “ponte”, segundo a percepção dos usuários de forma comparativa entre pessoas recém-ingressas ao serviço e as que estavam em médio e longo processo de tratamento, o estudo concluiu que a percepção dos desenhos da “ponte” e os discursos sobre eles, seguiram-se semelhantes ao estado emocional em que se encontravam no momento da coleta de dados.

O uso do desenho da “ponte” em Arteterapia na perspectiva terapêutica para dependentes de drogas foi eficaz para que os participantes pudessem verbalizar suas emoções e seus sentimentos, pois o mundo simbólico pode auxiliar no processo de conhecimento de si mesmo e do outro, compreender em qual estágio se encontra o autor, bem como acompanhar a dinâmica da estrutura psíquica do sujeito. Além disso, o processo de tratamento e os cuidados ofertados pela instituição de saúde mental trazem uma melhoria no estado mental dos seus usuários.

Sugere-se que essa dinâmica possa ser inserida no cotidiano dos CAPS-ad, como algo lúdico e criativo que possa auxiliar os participantes a expressarem mais naturalmente o seu estado emocional e possa ser implantada em outros contextos de serviços de saúde mental.

**Data de recebimento: 29.01.2022**  
**Data primeiro aceite: 05.03.2022**  
**Data segundo aceite: 05.05.2022**

## Referências Bibliográficas

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2011.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Guia Estratégico para o Cuidado de Pessoas com Necessidades Relacionadas ao Consumo de álcool e outras drogas** (Guia AD). Ministério da Saúde, Brasília-DF, 2015.

CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. **Dicionário de símbolos**: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. 27. ed. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 2017.

DAREWYCH, O. H.; BOWERS, N. R. Positive arts interventions: creative clinical tools promoting psychological well-being. **Journal International Journal of Art Therapy**. v. 23, n. 2, 2018, p. 62-9.

FACCO, S. C. M. *et al.* A Arteterapia no tratamento dos usuários de um centro de atenção psicossocial. **Revista Espaço Ciência & Saúde**. v. 4, n. 1, 2016, p. 45-54.

FERNANDES, M. C.; VALLADARES-TORRES, A. C. A. O desenho como terapia e elucidação de sonhos com usuários de um Centro de Atenção Psicossocial-álcool e outras drogas do Distrito Federal. **Rev Científica Arteterapia Cores da Vida**. v. 26, n. 2, 2019, p.17-24. Disponível em: <https://www.abcaarteterapia.com/revista-cores-da-vida>. Acesso em: 25 set. 2022.

FRANCO, R. R. C. Relato de um toxicômano - não existe resposta simples face à adictologia. **Rev. Sul-Am. Psicol.** v. 1, n. 1, 2013, p. 48-63. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/revsulap/v1n1/v1n1a05.pdf>. Acesso em: 25 set. 2022.

GUERRA, M. R. S. V.; VANDENBERGHE, L. Abordagem do comportamento de uso abusivo de substâncias psicoativas no Brasil: o estado da arte. **Pesqui. Prát. Psicossociais**. v. 12 n. 3, 2017, p. 1120. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ppp/v12n3/08.pdf>. Acesso em: 25 set. 2022.

LACERDA, C. B.; FUENTES-ROJAS, M. Significados e sentidos atribuídos ao Centro de Atenção Psicossocial Álcool e outras Drogas (CAPS AD) por seus usuários: um estudo de caso. **Interface**. v. 21, n. 61, 2017, p. 363-72. Disponível em: <https://www.scielo.org/pdf/icse/2017.v21n61/363-372>. Acesso em: 25 set. 2022.

MIRANDA, J. C.; GUIMARÃES, C. A. Níveis de estresse em dependentes químicos sob tratamento em comunidade terapêutica. **Bol. - Acad. Paul. Psicol.** v. 41 n. 100, 2021, p. 48-54. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/bapp/v41n100/a06v41n100.pdf>. Acesso em: 25 set. 2022.

OLIVEIRA, V. C. *et al.* Sociodemographic and clinical profile of people assisted in a CAPS ad in the South of Brazil. **Rev Baiana Enfer**. v. 31, n. 1, 2017, p. 16350. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/enfermagem/article/view/16350/14060>. Acesso em: 25 set. 2022.

PILLON, S. C. *et al.* Depressive symptoms and factors associated with depression and suicidal behavior in substances user in treatment: focus on suicidal behavior and psychological problems. **Archives of Psychiatric Nursing**. v. 33, n. 1, 2019, p. 70-6. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0883941718302371>. Acesso em: 25 set. 2022.

PROCHASKA, J. A.; DICLEMENTE, C. C.; NORCROSS, J. C. In search of how people change: applications to addictive behaviour. **Am Psychol.** v. 47, n. 9, 1992, p. 1102-14.

SILVA, T. A.; PAULA JÚNIOR, J. D.; ARAÚJO, R. C. Centro de Atenção Psicossocial (CAPS): ações desenvolvidas em município de Minas Gerais, Brasil. **Rev. Latinoam. Psicopat.** Fund. v. 21, n. 2, 2018, p. 346-63. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlpf/a/MSTWjtKGSWdcRvB4KZqm5VN/?lang=pt>. Acesso em: 25 set. 2022.

SNPD - Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas. **Intervenção breve.** 11.ed. Brasília: SENADE. Módulo 4, 2017a.

\_\_\_\_\_. **Modalidades de tratamento e encaminhamento.** 11.ed. Brasília: SENADE. Módulo 6, 2017b.

SOARES, A. L. S.; VALLADARES-TORRES, A. C. A. Percepção de um grupo de mulheres toxicômanas em Arteterapia sobre o Centro de Atenção Psicossocial. **Rev Científica Arteterapia Cores da Vida.** v. 27, n. 1, 2020, p. 29-40. Disponível em: <https://www.abcaarteterapia.com/revista-cores-da-vida>. Acesso em: 25 set. 2022.

TORRES, A. C. A. V.; LIMA, V. H. R. Desenhos que revelam o processo de adoecimento de mulheres usuárias de um CAPS-ad III. **Archives of Health.** v. 1, n. 5, 2020, p. 364-386. Disponível em: <https://doi.org/10.46919/archv1n5-020>. Acesso em: 25 set. 2022.

VALLADARES-TORRES, A. C. A. **A Arteterapia como dispositivo terapêutico nas toxicomanias:** da patologização ao desenvolvimento criativo. Curitiba, PR: CRV. v. 2, 2021, p. 266.

VALLADARES-TORRES, A. C. A. *et al.* A Ponte da Vida: evolução psicossocial de homem dependente de drogas a partir de representações gráficas. **Rev Científica Arteterapia Cores da Vida.** v. 26, n. 2, 2019, p. 3-16. Disponível em: <https://www.abcaarteterapia.com/revista-cores-da-vida>. Acesso em: 25 set. 2022.

**ARTIGO CIENTÍFICO DE REVISÃO TEÓRICA****Imaginação Ativa e Arteterapia: possibilidades de integração  
Active Imagination and Art Therapy: possibilities for integration**Glauca Castelluber<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo objetivou verificar conexões entre Imaginação Ativa, Arteterapia e as possibilidades de um trabalho complementar na busca do autoconhecimento e da integração da *Psique*. A primeira, favorecendo uma comunicação entre o inconsciente e o consciente por meio da visualização interior de imagens; a segunda, trazendo, pelo uso da expressão artística, conteúdos do inconsciente, os quais se plasam na Arte e sua forma. Este artigo aprofunda os conceitos da Psicologia Analítica, da Imaginação Ativa na visão de Robert Johnson, dos recursos expressivos como possibilidade terapêutica na Arteterapia e as possibilidades práticas de integração entre Arteterapia e Imaginação Ativa voltadas a um trabalho interior ainda mais esclarecedor e profundo.

**Palavras-chaves:** Imaginação Ativa; Arteterapia; Psicologia Analítica; Psicoterapia junguiana; Trabalho interior.

**Abstract:** This article aimed to verify connections between Active Imagination, Art therapy and the possibilities of complementary work in the search for self-knowledge and integration of the *Psyche*. The first favoring a communication between the unconscious and the conscious through the inner visualization of images; the second bringing, through artistic expression, contents from the unconscious, which are shaped in art and its form. This article deepens the concepts of Analytical Psychology, Active Imagination in Robert Johnson's vision, of expressive resources as a therapeutic possibility in Art Therapy and the practical possibilities of integration between Art Therapy and Active Imagination aimed at a deeper and more enlightening inner work.

**Keywords:** Active Imagination; Art therapy; Analytical psychology; Jungian psychotherapy; Inner work.

---

<sup>1</sup> Graduada em Psicologia e em Língua e Cultura Italiana, pós graduada em Arteterapia, com formação em Psicologia Transpessoal. Professora de dança e cultura mediorienta. *E-mail:* glau.castel@gmail.com

## Introdução

O psiquiatra suíço Carl Gustav Jung (1875-1961) foi um dos teóricos mais importantes do pensamento psicológico de todos os tempos, sua teoria, chamada Psicologia Analítica ou Psicologia do Profundo foi inspirada em diversas teorias e práticas, inclusive transcendentais, e elaborada principalmente por meio de suas experiências pessoais ao longo da vida: do próprio percurso interior, das observações de si mesmo e de seus pacientes. Sua teoria se confrontou com Freud (1856-1939) e o pensamento psicanalítico, especialmente ao que se referia à interpretação dos sonhos, assim a teoria tomou outros rumos, justamente pelo surgimento de conflitos conceituais.

A separação entre Jung e Freud ocorreu em 1912, quando Jung introduziu novos conceitos, como o inconsciente coletivo, cuja concepção era mais abrangente do que o inconsciente individual. Outra proposição foi o processo de individuação, nome dado por Jung à realização pessoal, concebida como a “[...] harmonização do consciente com o nosso próprio centro interior (o núcleo psíquico) ou *self* [...]” (VON FRANZ, 1969, p. 166, *itálico do autor*). Com objetivo de acessar conteúdos do inconsciente e facilitar o processo do autoconhecimento profundo e individuação, isto é, de se tornar um ser único e integrado, Jung desenvolveu técnicas como a Imaginação Ativa e utilizou a expressão plástica como recurso terapêutico.

A Imaginação Ativa possibilita a comunicação entre o inconsciente e o consciente por meio da criação interior de imagens; a Arteterapia, exprime, exteriormente, pelos recursos expressivos também utilizados na Arte, conteúdos do inconsciente. Pode-se questionar, então, se ambos os instrumentos, quando utilizados conjuntamente, poderiam aumentar o potencial facilitador do processo terapêutico.

Ao aprofundar sobre a técnica de Imaginação Ativa desenvolvida pelo analista junguiano Robert A. Johnson (1921-2018) e as possibilidades terapêuticas da Arteterapia, pressupõe-se que ambas são similares no que se refere à possibilidade de expressão espontânea e livre do inconsciente.

O objetivo do presente artigo é verificar e propor possibilidades de integração e complementaridade entre ambas ferramentas, para criar um sistema de comunicação mais profundo e compreensível dos conteúdos simbólicos oriundos do inconsciente.

Na sequência, serão introduzidos conceitos da Psicologia Analítica de Jung, da Imaginação Ativa na visão de Robert Johnson, dos recursos expressivos como possibilidade terapêutica na Arteterapia. Em seguida, serão discutidas possibilidades práticas de integração entre Arteterapia e Imaginação Ativa, voltadas a um trabalho elaborativo ainda mais esclarecedor.

### Conceitos de Psicologia Analítica

O primeiro conceito a ser definido é o de Psique: estrutura formada por pensamentos, emoções e comportamentos, sejam eles conscientes ou inconscientes.

Ao expor os fundamentos de Psicologia Analítica, Jung (1996) afirma que a dimensão do inconsciente é desconhecida e o consciente seria uma sutil camada em comparação a toda sua extensão; em sua reflexão ele considera o “[...] inconsciente como um elemento inicial, do qual brotaria a condição consciente” (1996, p. 6) diferentemente do pensamento freudiano o qual “[...] concebe o inconsciente como derivado do consciente [...]” (1996, p. 6).

Segundo Jung (1996, p. 5) a “[...] área do inconsciente é imensa e sempre contínua, enquanto que a área da consciência é um campo restrito de visão momentânea.” Em outras palavras, a consciência é a percepção do mundo em forma geral, isto é, daquilo que é vivido e identificável; os conteúdos do inconsciente, por conta de sua enorme dimensão, estão sempre presentes e são manifestados de várias formas: nos pensamentos, nos comportamentos, nos relacionamentos e na personalidade.

Na consciência se encontra o Ego, que é formado pela percepção material da própria existência e de lembranças da própria experiência. Em sua primeira conferência, Jung (1996, p. 7) responde que é o Ego é “[...] um dado complexo formado primeiramente por uma percepção geral do nosso corpo e existência e, a seguir, pelos registros de nossa memória.” O Ego é apenas uma pequena parte da psique, cuja função é ser o gestor da consciência e regulador dos conteúdos inconscientes.

Na visão de Jung (1996), o inconsciente é formado pelo inconsciente pessoal, onde estão instintos que complementam a personalidade, conteúdos esquecidos ou reprimidos e dados criativos; e pelo inconsciente coletivo, onde se encontram formas arquetípicas universais herdadas, dentro do qual o inconsciente individual se organiza. O autor observou ainda, na sua exploração, que certos padrões se repetem nas diferentes populações e épocas, seja em sonhos, mitos, lendas e folclore, e os denominou arquétipos: “Sua particularidade mais inerente é o caráter mítico. É como se pertencesse à *humanidade* em geral, e não a uma determinada psique individual.” (JUNG, 1996, p. 33, *itálico do autor*).

Em outras palavras, os arquétipos são personagens ou símbolos encontrados em mitos, contos, lendas das várias civilizações no decorrer da história e estão presentes no inconsciente coletivo de cada indivíduo. Desse modo, eles se manifestam na vida cotidiana e se apresentam como imagens, símbolos e mitos na Psique ou em forma de complexo da personalidade e, conseqüentemente, como um comportamento externo.

O inconsciente é um universo maravilhoso composto de energias invisíveis, forças, formas de inteligência – até *personalidades* distintas – que não são percebidas mas que vivem dentro de nós. Seu domínio é muito maior do que imaginamos, algo com vida própria e completa, toda sua, que corre

paralelamente à vida comum do nosso dia-a-dia. O inconsciente é a fonte secreta de muito do que entendemos como nossos pensamentos, nossas emoções e comportamentos. Influencia-nos de forma poderosa, por não suspeitarmos de sua existência. (Johnson, 2003, p. 11, *italico do autor*)

O *Self* ou Si-mesmo representa o núcleo da Psique, para Jung este centro seria a “totalidade absoluta da psique” (VON FRANZ, 1969, p. 161), onde seriam criadas as imagens dos sonhos. O crescimento psíquico, isto é, a individuação, é favorecido e orientado por este centro. A função da Psicologia Analítica é favorecer a aproximação entre ego e *self* e, conseqüentemente, o processo de individuação. “Individuação significa tornar-se um ser único, na medida em que por 'individualidade' entendermos a nossa singularidade mais íntima, última e incomparável, significando também que *nos tornamos o nosso próprio si-mesmo.*” (JUNG, 2008, p. 60, *italico do autor*).

O caminho e a experiência da individuação é diferente para cada pessoa, mesmo que seja a finalidade da existência de todas. O objetivo é deixar o Ego sempre mais fiel à “alma”, por meio da aproximação e da comunicação entre o consciente e o inconsciente. “Tudo o que conhecemos a respeito do inconsciente foi-nos transmitido pelo próprio consciente. A psique inconsciente, cuja natureza é completamente desconhecida, sempre se exprime através dos elementos conscientes e em termos de consciência [...]” (JUNG, 1996, p. 3, 4). Esta comunicação pode se estabelecer pelo contato com símbolos e imagens dos sonhos, da Imaginação Ativa e da expressão por meio da Arte.

### **Imaginação Ativa segundo Robert Johnson**

A Imaginação Ativa, desenvolvida por Jung no início do século passado, é uma metodologia de introspecção psíquica utilizada para estabelecer a comunicação entre o consciente e o inconsciente por meio de imagens mentais, assim como nos sonhos, mas, neste caso, as imagens seriam criadas e experienciadas pela mente desperta em um estado modificado de consciência.

Johnson aprofundou o estudo sobre a Imaginação Ativa e compartilhou, com base na sua experiência pessoal e clínica, técnicas de comunicação com o inconsciente, por meio dos sonhos e da imaginação ativa no livro “Imaginação ativa Inner work” de 1986. Para Johnson (2003, p. 174), a Imaginação Ativa “[...] é um diálogo que travamos com as diferentes partes de nós mesmos que vivem no inconsciente. [...] Você deixa que as imagens aflorem do inconsciente e apareçam a você no nível da imaginação, tal como fariam nos sonhos [...]”.

Diferentemente da fantasia passiva, durante a Imaginação Ativa, o indivíduo participa ativamente da sequência de imagens que aparecem em sua mente e pode interagir, isto é, dialogar (não necessariamente de maneira falada) ou entrar em ação.

Na imaginação ativa, os eventos se sucedem em um nível *imaginativo*, que não é nem o consciente nem o inconsciente, mas um ponto de confluência, um solo comum onde ambos se encontram em termos igualitários e juntos criam uma experiência de vida que combina os elementos de ambos [...]. Completam-se um ao outro, começam a trabalhar juntos e, como resultado, nossa totalidade começa a se converter em unidade. O diálogo da mente consciente com o inconsciente dá origem a uma função transcendente, o *self*, que surge como uma síntese dos dois. (JOHNSON, 2003, p. 176, itálico do autor)

A comunicação entre o consciente e o inconsciente traz conteúdos do inconsciente, os quais se tornam mais compreensíveis ao consciente: seja no reconhecimento das dores, conflitos e partes obscuras, seja na parte criativa e de potencial profundo. Este processo é definido por Johnson (2003) como “Inner work”, isto é, o “trabalho interior”, o gradual despertar para o inconsciente, cujas partes fragmentadas se integram em uma unidade, possibilitando o processo de individuação.

Durante a Imaginação Ativa, o sujeito deixa-se guiar no percurso imaginário, deixando fluir, naturalmente, as próprias imagens, ou até mesmo cheiros, sabores, e entrando em contato com sensações, sentimentos, ideias e intuições provenientes do inconsciente. A experiência simbólica pode ter o mesmo efeito daquela vivida fisicamente, se usada conscientemente, levando a uma mudança mais profunda interiormente e das atitudes, pois a atenção voltada para tal experiência é maior que a maioria das situações externas.

[...] posso afirmar que a Imaginação Ativa é “mais do que real”. Não só real no sentido de que tem significado prático e concreto na nossa vida física, mas também porque nos une a um mundo de forças que são suprapessoais e transcendentes. Ela nos fornece um meio de direcionar as várias correntes de energia que se juntam dentro de nós para formar os padrões duradouros de nossa vida, de nossos relacionamentos e atitudes. Ela nos afeta em níveis de realidades do nosso âmago, mais profundamente que qualquer acontecimento da nossa vida diária. (JOHNSON, 2003, p. 38, 39)

As imagens, mesmos que sejam vividas conscientemente, surgem do inconsciente, representando símbolos, arquétipos, por meio do diálogo interior o indivíduo pode, literalmente, perguntar o que representam ou qual mensagem querem comunicar, favorecendo o processo de elaboração de tais conteúdos. “Esse diálogo é condição necessária e substancial que validará a conexão entre as realidades interna e externa” (LEITE, 2012, p. 34). Para enriquecer a compreensão dos significados, pode-se, por meio do estudo dos símbolos das civilizações, aprofundar a representação de determinada imagem ou arquétipo.

Segundo Johnson (2003), ao estabelecermos um diálogo entre o Ego e as personalidades interiores, as quais facilmente estão em divergência com nossos comportamentos e pensamentos, pode-se dar uma nova direção à própria vida, diminuindo

o sofrimento e o conflito, porque estas partes fragmentadas tornam-se integradas em uma unidade.

Johnson (2003), em seu método de Imaginação Ativa, desenvolveu quatro etapas: convidar o inconsciente, dialogar e vivenciar, acrescentar o elemento ético dos valores e concretizar pelo ritual físico. Ele desenvolveu essas etapas baseando-se nos quatro estágios básicos, nos quais a mente flui naturalmente, descritos pela discípula de Jung, Dra. Marie Louise Von Franz (1915-1998): esvaziar a mente, deixar o inconsciente fluir no vácuo, incluir o elemento ético e integrar a imaginação na vida diária. Para o autor (2003), o elemento ético relaciona-se aos valores, os quais serão mediados pelo Ego consciente, pois durante a Imaginação Ativa pode-se estabelecer contato também com partes instintivas e primordiais, com as quais é possível estabelecer uma ponte de encontro em respeito da ética humana. O ritual físico é uma forma de afirmar a imaginação na vida externa e será aprofundado, em seguida, neste artigo.

Para realizar uma Imaginação Ativa é necessário criar um ambiente seguro e relaxante. Pode-se iniciar com o contato mental com o próprio corpo, relaxando e levando a atenção para cada parte do corpo, uma vez completada a percepção da própria presença no aqui e agora, eliminando a interferência dos pensamentos racionais, a mente está preparada para iniciar a viagem verso o interior. O processo é acompanhado, sem influenciar nos detalhes, deixando que na mente, aflorem, espontaneamente, imagens, cores, formas e odores.

### **Arteterapia como manifestação do inconsciente**

Assim como na Imaginação Ativa, a Arte exprime, por meio da própria sua linguagem, conteúdos e imagens, as quais representam, simbolicamente, as elaborações psíquicas. A finalidade da Arteterapia é terapêutica, esta tem como objetivo se aprofundar sobre a expressão da linguagem artística durante e depois do processo de criação.

A Arteterapia, ao compreender a expressão como possibilidade elaborativa dentro de um *setting* arteterapêutico, encontrou seu maior desenvolvimento, tornando-se um válido instrumento de avaliação, prevenção, tratamento e reabilitação individual ou em grupo. A Arteterapia aumenta as possibilidades de expressão, indo além da linguagem verbal usada pelas abordagens psicoterapêuticas tradicionais, cujos conteúdos emocionais acessados são elaborados durante e a partir da atividade artística (REIS, 2014).

Qualquer linguagem (ela plástica, dramática, corporal, sonora ou literária) pode ser usada como recurso artístico em Arteterapia. Todas as técnicas artísticas, como desenho, pintura, modelagem, música, canto, poesia, teatro e dança podem ser válidos recursos expressivos, os quais também favorecem o desenvolvimento da criatividade.

A criação artística pode fluir diretamente como manifestação do inconsciente, sem ou com parcial influência do ego racional típico da consciência. Por meio da Arte, os conteúdos interiores podem também adquirir novos sentidos já que é possível encontrar um novo caminho expressivo.

A ideia freudiana de que o inconsciente se expressa por imagens, tais como as originadas nos sonhos, levou à compreensão das imagens criadas na arte como uma via de acesso privilegiada ao inconsciente, pois elas escapariam mais facilmente da censura do que as palavras. (REIS, 2014, p. 144)

As bases teóricas de Freud e Jung deram suporte para a Arteterapia, mas quem utilizou primeiramente a linguagem artística no processo psicoterapêutico foi Jung na sua abordagem analítica por meio do desenho livre. Para Freud, a Arte era uma forma de sublimação das pulsões, enquanto para Jung a capacidade terapêutica da Arte estaria na transformação dos conteúdos inconscientes em imagens simbólicas. (Silveira, 2001)

### **Arteterapia e Imaginação Ativa: complementaridade e integração**

Como se pode constatar, para Jung seja a Imaginação Ativa que a expressão por meio de recursos plásticos são vias facilitadoras e mediadoras, pois possibilitam a comunicação entre o inconsciente e o consciente, onde imagens e formas representariam simbolicamente conteúdos profundos da Psique (inconsciente pessoal e inconsciente coletivo). Ambas são importantes instrumentos para o reconhecimento das diferentes partes do mundo interior, favorecendo assim o autoconhecimento e a unidade, objetivando o processo de individuação. Os “[...] símbolos expressos na arte não são vistos como simples projeção de conteúdos inconscientes, mas como mecanismos à sua transformação qualitativa, contribuindo para o equilíbrio psíquico.” (REIS, 2014, p. 152).

A integração das duas técnicas pode-se tornar um trabalho ainda mais rico durante o processo de autoconhecimento.

Formas e imagens afloram livremente tanto na Imaginação Ativa como nas expressões artísticas que se utilizam dos recursos plásticos. Certamente, como já especificado, pode-se criar um diálogo verbal ou não verbal com as imagens durante a Imaginação Ativa, assim como pode-se estabelecer um ulterior diálogo com a forma artística por meio da Imaginação Ativa, evitando assim, os freios da racionalização. De forma inversa, a Arte plasma, no mundo externo, a experiência vivida durante a Imaginação Ativa. Com base nessa similaridade, a Arteterapia e a Imaginação Ativa podem ser complementares e intensificadoras se realizadas em um mesmo processo.

Primeiramente, a Arteterapia e, em seguida, a Imaginação Ativa: neste trabalho, o indivíduo pode se expressar em qualquer forma artística; durante o processo e quando estiver terminado, é convidado para perceber as emoções, intuições que se apresentam,

especialmente sobre a representação das formas e imagens e preferivelmente em silêncio. Em seguida, os sentimentos, formas e imagens seriam levados para a Imaginação Ativa; em um nível ainda mais profundo de contato com o inconsciente, pode-se criar uma comunicação significativa, onde os símbolos poderiam se tornar ainda mais esclarecedores.

Inicialmente, a Imaginação Ativa e, depois, a Arteterapia: neste trabalho, o sujeito vivencia a Imaginação Ativa e, posteriormente, representa os conteúdos psíquicos, com os quais teve contato, na expressão artística desejada ou que tenha maior afinidade.

Johnson (2003) propõe como quarta e última etapa da Imaginação Ativa o ritual físico, o qual seria a forma de registrar, plasmar a imaginação no mundo externo. “Encarnar a Imaginação ativa significa dar a ela uma característica física, tirá-la do nível abstrato, rarefeito, e ligá-la à vida física, terrena.” (JOHNSON, 2003, p. 242).

A quarta etapa pode realizar-se por meio da Arte: o sujeito escolhe a melhor maneira de se expressar, baseando-se na vivência e nos conteúdos que se apresentaram durante a Imaginação Ativa. Para o autor escrever o trabalho interior é muito importante, mas as pessoas também “Podem expressar suas imagens interiores através da dança ou tocando uma música, desenhando, pintando, esculpindo ou recitando o diálogo em voz alta.” (JOHNSON, 2003, p. 203).

Para finalizar, em ambos os processos, pode-se compartilhar verbalmente a própria experiência.

### **Conclusão**

Conclui-se que ambas as ferramentas, a Imaginação Ativa e a Arteterapia, por criarem um elo entre o consciente e o inconsciente, podem facilitar o processo de autoconhecimento e reconhecimento das partes fragmentadas do inconsciente, favorecendo, desta maneira, a integração, a unidade, isto é, a realização do *Self* ou individuação.

Pode-se, ainda, afirmar que por serem técnicas similares no que se refere à comunicação espontânea dos conteúdos do inconsciente, sejam estes, individuais ou coletivos, podem ser complementares e potencializadoras. A Imaginação Ativa seria um instrumento ainda mais esclarecedor para as formas e imagens criadas em Arteterapia e a Arte seria uma forma de trazer à consciência os conteúdos produzidos pela Imaginação Ativa e de estabelecer uma relação concreta entre a Psique e o ambiente externo e das relações.

**Data de recebimento: 21.12.2021**  
**Data de primeiro aceite: 24.02.2022**  
**Data de segundo aceite: 04.04.2022**

## Referências Bibliográficas

CONTI, S. **Imaginação ativa e imaginação dirigida na clínica junguiana**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica). [online]. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo (PUC-SP), 2016.

FARAH, M. H. S. **A imaginação ativa junguiana na Dança de Whitehouse: noções de corpo e movimento**. *Psicologia USP*. [on-line]. São Paulo, v. 27, n. 3, 2016, p. 542-552.

JOHNSON, R. A. **Imaginação ativa Inner Work: Como trabalhar com sonhos, símbolos e fantasias**. São Paulo: Mercury, 2003.

JUNG, C.G. **Fundamentos de Psicologia Analítica**. 7.ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

JUNG, C. G. **O eu e o inconsciente**. 21 ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

LEITE, S. J. **Paisagem psíquica: uma técnica expressiva com fundamento na psicologia analítica – estudo piloto**. Dissertação. Mestrado em Psicologia Clínica. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, 2012. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/15132>. Acesso em: mar. 2022.

Miranda, P. A imaginação ativa de C.G. Jung: personalidades alternadas e estados alterados de consciência. *In: CONGRESSO LUSÓFONO SOBRE ESOTERISMO OCIDENTAL*, 2019, Lisboa. **Anais**. Lisboa: Constança Bittencourt, 2016.

REIS, A. C. Arteterapia: A Arte como Instrumento no Trabalho do Psicólogo. *In: Psicologia: Ciência e Profissão*. Florianópolis, 2014, v. 34, n. 1, pp. 142-157. Disponível em: [https://oasisbr.ibict.br/vufind/Record/CFP-1\\_2eaa9438c918fab53917f4733348feb3](https://oasisbr.ibict.br/vufind/Record/CFP-1_2eaa9438c918fab53917f4733348feb3). Acesso em: mar. 2022.

SÁ, J. F. R.; FERNANDES, E. G. Psicologia analítica e interpretação dos personagens dos sonhos lúcidos. *In Fractal: Revista de Psicologia*, [on-line]. Salvador, 2016, v. 28, n. 1, p. 146-152.

SILVEIRA, N. **O mundo das imagens**. São Paulo: Ática, 2001.

VON FRANZ, M. L. O processo de individuação. *In: C. G. JUNG & M. L. VON FRANZ (Orgs.), O homem e seus símbolos*. 5 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1969, p. 158-229.

## RELATO DE EXPERIÊNCIA

### “Eu não sei desenhar!”: uma experiência *on-line* com grupos rotativos “I can’t draw!”: an online rotating group experience

Maíra Oliveira Bentim<sup>1</sup>

**Resumo:** As oficinas “Eu não sei desenhar!” são resultado de um trabalho de prática na formação em Arteterapia. Os objetivos foram proporcionar autoconhecimento por meio do fortalecimento dos aspectos positivos da psique e promover a vivência de momentos de descontração frente aos desafios da pandemia. Foram realizados grupos abertos e rotativos com frequência semanal e uma hora de duração, no formato *on-line* e síncrono. Os temas das oficinas foram os quatro elementos da natureza e suas representações mitológicas – terra (Hércules), fogo (Vasalisa e Fênix), água (Iara) e ar (Hermes). A técnica utilizada foi única e exclusivamente o desenho. Ao todo, vinte e uma pessoas participaram e foram produzidos mais de quarenta desenhos. Os objetivos foram atingidos, uma vez que pode-se observar momentos de entrega e transformação pessoal. Os principais aprendizados foram a importância da presença, do acolhimento, a abertura para o novo por parte do arteterapeuta e a constatação de que a realização de grupos abertos demanda cuidado na seleção das histórias e propostas em função do desconhecimento prévio das histórias individuais.

**Palavras-chave:** Arteterapia; Desenho; Mitologia; Grupo; *On-line*.

**Abstract:** The “I can't draw!” workshops are the result of a practical work in Art Therapy education. The objectives were to provide self-knowledge through strengthening positive aspects of the psyche and provide moments of relaxation in the face of the challenges that COVID-19 pandemic presented to us. We held weekly one-hour open and rotating groups in online and synchronous format. The themes of the workshops were the four elements of nature and their mythological representations – earth (Hercules), fire (Vasalisa and Phoenix), water (Iara), and air (Hermes). The technique used was solely and exclusively drawing. In all, twenty-one people participated and produced more than forty drawings. I consider that we achieved the objectives since I could observe moments of surrender and personal transformation during the process. I believe that the main lessons learned were the

---

<sup>1</sup> Profissional com experiência na área de Psicologia e Educação. atendimentos psicológicos clínicos na abordagem junguiana e promoção de oficinas de Arteterapia e Expressões Criativas. Arteterapeuta (AATESP 734/0121) e Psicóloga (CRP 06/140169). *E-mail:* bentim.maira@gmail.com

importance of being present and being more welcoming to yourself. The realization of open groups demands care to select stories and proposals due to the prior lack of personal knowledge. And demands openness to the new by the part of the art therapist.

**Keywords:** Art Therapy; Drawing; Mythology; Group; Online.

## Introdução

As oficinas “Eu não sei desenhar!” constituíram o projeto de formação em Arteterapia no ano de 2020. Devido às restrições impostas pela pandemia do novo coronavírus, a ideia inicial de realizar grupos abertos e rotativos em espaços públicos da cidade de São Paulo foi adaptada para o modelo *on-line*. A ideia de promoção de grupos arteterapêuticos abertos e rotativos foi mantida, porém os encontros foram realizados de maneira remota, seguindo as orientações e cuidados necessários nesta modalidade de atendimento. Os participantes dos grupos foram informados das limitações e a presença de cada um nos encontros foi autorizada mediante assinatura de termo de consentimento informado conforme as orientações da União Brasileira de Associações de Arteterapia (UBAAT) para atendimentos durante a pandemia de Covid-19.

Os objetivos foram **proporcionar autoconhecimento por meio do fortalecimento dos aspectos positivos da psique**, uma vez que o trabalho teve como base histórias e propostas arteterapêuticas que reduzissem a possibilidade de contato com aspectos sombrios da personalidade. Além disso, teve por objetivo **promover a vivência de momentos de descontração** frente aos desafios da pandemia por meio da temática escolhida.

De acordo com Urrutigaray (2011), o trabalho arteterapêutico possibilita a reconstrução e integração da personalidade, permitindo também a aquisição de autonomia e a experimentação de novos sentimentos.

O título das oficinas, “Eu não sei desenhar!”, foi cuidadosamente escolhido para proporcionar aos interessados tanto a provocação do “não saber” realizar atividades manuais, algo tão comum na prática arteterapêutica (Philippini, 1996), quanto a possibilidade de ultrapassar esta crença a partir da vivência da Arteterapia. Para a mesma autora, a convicção que muitas pessoas carregam de que não sabem desenhar, pintar ou fazer atividades que exijam o trabalho manual aponta para um traço de nossa cultura em função de que indicam um crescente distanciamento do fazer espontâneo. Alguns exemplos disso são o adormecimento de múltiplas possibilidades criativas e o distanciamento da própria vida psíquica.

As oficinas foram realizadas em grupos abertos e rotativos, isto é, a participação era livre e um grupo diferente era formado a cada semana. Como nos apresenta Philippini (2020), a história de um grupo se constitui pelas vivências compartilhadas por seus participantes e pelas atividades realizadas no momento do encontro. Neste sentido, o trabalho com grupos abertos e rotativos oferece uma nova experiência a cada encontro, uma vez que toda a estrutura do grupo está em constante modificação. A Arteterapia trabalhada em grupos possibilita o alcance de objetivos pessoais, como a própria individualidade, e sociais, como o sentimento de inclusão. O processo grupal também abre espaço para que a personalidade individual se integre às exigências externas da coletividade (Urrutigaray, 2011).

Os temas das oficinas foram os quatro elementos da natureza e suas representações mitológicas – terra (Hércules), fogo (Vasalisa e Fênix), água (Iara) e ar (Hermes). A temática foi escolhida por constituir uma forma de aproximar os participantes da vida exterior, em contraposição ao distanciamento e ao isolamento social. De acordo com Gaspar (2018), tudo o que nos cerca está vinculado simbolicamente aos quatro elementos, como cores, personagens, figuras mitológicas ou músicas. Essa vinculação estabelece uma analogia entre o material tangível (físico) e a energia psíquica. Ainda de acordo com a autora, o próprio corpo humano pode ser associado aos quatro elementos da natureza, pois representam as necessidades fundamentais da vida.

A técnica utilizada foi única e exclusivamente o desenho. Por se tratar de atividades *on-line* e de grupos abertos e rotativos, o desenho apresentou-se como uma técnica acessível e que comportava boas condições para o andamento do processo arteterapêutico nesta modalidade. De acordo com Philippini (1998), “... as primeiras experimentações plásticas devem oferecer facilidade operacional, para que não sejam agravadas as já naturais defesas e resistências apresentadas no início de qualquer processo terapêutico” (p. 2). Nos grupos rotativos, deve-se considerar cada encontro como um processo completo, isto é, apresentando início, meio e fim. Assim, considera-se que todas as experiências dos participantes foram “primeiras experimentações plásticas”, como coloca a autora.

O desenho trabalha com a coordenação motora fina, utilizando o controle intelectual em sua execução. Permite também a exploração da atenção, da coordenação e do contato com a realidade (Rodrigues, 2010). Combinado à temática dos quatro elementos da natureza, que transportam o indivíduo para o mundo externo e natural, o desenho aparece como um contraponto visando equilibrar a vivência da realidade e o despertar de emoções.

Por trabalhar as questões de controle intelectual e atenção, o desenho relaciona-se com a função pensamento da teoria junguiana. De acordo com Jung (1991), a função pensamento compõe o processo cognitivo de um indivíduo, sendo responsável por nomear

e conceituar objetos e estabelecer relações lógicas e conceituais. Por ser mais direcionado ao processo cognitivo e intelectual, o desenho apresenta-se como uma técnica adequada para trabalhos pontuais como os grupos rotativos, principalmente quando realizados no formato *on-line*.

No entanto, a utilização do desenho em Arteterapia não se restringe apenas ao exercício cognitivo, uma vez que esse campo de trabalho opera diretamente com os conteúdos inconscientes. De acordo com Urrutigaray, “a Arteterapia alcança sua meta como função terapêutica por permitir essa passagem de um conteúdo inconsciente, não assimilado, transmutado ou transformado em outro conscientizado.” (2011, p.27)

A relação entre inconsciente e Arteterapia estende-se também à utilização de mitos e histórias durante o trabalho arteterapêutico. A mitologia constitui-se como ferramenta para compreender o funcionamento da psique humana, uma vez que nos ajudam a enxergar os verdadeiros centros das questões existenciais com as quais o ser humano se depara ao longo da vida. Além disso, as histórias da mitologia podem oferecer amparo no alívio dos conflitos internos, além de demonstrar que não se está só junto aos sentimentos (ANDRADE, Maria Margarida, 2009, apud Valladares-Torres; Santos, 2021).

De acordo com Valladares-Torres e Santos (2021), os mitos representam um arquétipo ou força primordial que reside no inconsciente coletivo de cada um. Desta forma, o trabalho com mitos e Arteterapia favorece a emergência de conteúdos internos na medida em que os indivíduos se identificam com os arquétipos presentes na mitologia.

### **Metodologia**

Foram realizados grupos abertos e rotativos, no período de setembro a dezembro de 2020, previamente e regularmente divulgados nas redes sociais (Instagram e Whatsapp). Os interessados manifestaram sua disposição em participar dos encontros por meio de um breve formulário de inscrição, que foi confirmada após a assinatura e devolução do termo de consentimento informado.

Os encontros dos grupos eram realizados uma vez por semana, sempre no mesmo dia e horário. Os interessados estavam livres para escolher as datas em que gostariam de participar, podendo, inclusive, comparecer a mais de um encontro. A duração de cada encontro foi de uma hora, no formato *on-line* síncrono pela plataforma Google Meet.

Os temas das oficinas foram os quatro elementos da natureza – terra, ar, água e fogo. O ciclo dos quatro elementos foi repetido três vezes, totalizando doze encontros. Apesar de seguirem a mesma temática, os encontros eram independentes entre si.

Cada encontro se iniciou com um momento de relaxamento e respiração consciente. Após a integração do grupo, foi realizada a leitura do mito e explicada a proposta, que

variava de acordo com o elemento temático do dia. Os participantes tinham em média 35 minutos para produzir o desenho. Ao final, era solicitado para que cada um desse um título para o seu desenho. Os momentos finais da oficina eram disponibilizados para o compartilhamento voluntário das experiências e por pequenas intervenções verbais por parte do arteterapeuta. Segundo as ideias de Urrutigaray (2011), a condução do arteterapeuta enquanto mediador do processo permite que o autor da obra perceba as imagens que ele próprio criou e, assim, construa um caminho em direção à “conscientização de acontecimentos psíquicos não identificados ou não percebidos” (p. 21).

O primeiro encontro realizado foi o do elemento terra, seguido pelos elementos ar, água e fogo. Essa sequência foi repetida três vezes, totalizando doze encontros independentes entre si.

**Quadro 1** - Encontros das oficinas “Eu não sei desenhar!”

Nº do encontro	Data	Elemento	Quantidade de participantes	Identificação dos participantes e títulos dos desenhos
1	25/09/2020	Terra	3	MS – Impermanência JT – Leveza SVM – Conexão
2	02/10/2020	Ar	4	RJ – Mensagem de Retorno BN – Harmonia SVM – Amplitude GM – O meio é a mensagem ou as diferentes formas que a música toca o mundo
3	09/10/2020	Água	3	LP – Lágrima AF – Transmutação BC – Iara de Oxum
4	16/10/2020	Fogo (Vasalisa)	3	OMH – Dança da luz SVM – Despertar GM – O sol que ilumina o dia, mas que também queima a pele
5	23/10/2020	Terra	3	GFS – Em busca da luz GM – O poder da energia interna/interior JMD – Nós

6	30/10/2020	Ar	4	BL – Conexão TPL – Conexões GL – A menina dança em direção ao céu, mas ela quer criar raízes GFS – Equilíbrio distante
7	06/11/2020	Água	2	GFS – O canto da tristeza TPL – Submergir para emergir
8	13/11/2020	Fogo (Vasalisa)	3	KO – A energia que emana do fogo TPL – (desenho sem título) MPP – A luz da verdade
9	20/11/2020	Terra	4	DY – Vibração ecoante MS – Duelo (1) e Eu no mundo (2) TPL – Presença KO – O melhor ataque é o que te traz menos riscos
10	27/11/2020	Ar	1	KO – Paradoxo social
11	04/12/2020	Água	3	KO – Encontrar seu lugar BL – Entrega DY – Libertação
12	11/12/2020	Fogo (Fênix)	4	DY – Eterno retorno BL – Pesar o novo MP – A portadora do tempo TPL – O último voo

Fonte: Próprio do autor

**Quadro 2 - Participante que esteve em um ciclo completo de encontros e elementos (4 encontros)**

Identificação do participante	Encontros que participou	Títulos dos desenhos
KO	Fogo (13/11/2020) Terra (20/11/2020) Ar (27/11/2020) Água (04/12/2020)	A energia que emana do fogo O melhor ataque é o que te traz menos riscos Paradoxo social Encontrar seu lugar

Fonte: Próprio do autor

**Quadro 3** - Participante que esteve em mais de 4 encontros

Identificação do participante	Encontros que participou	Títulos dos desenhos
TPL	Ar (30/10/2020) Água (06/11/2020) Fogo Vasalisa (13/11/2020) Terra (20/11/2020) Fogo Fênix (11/12/2020)	Conexões Submergir para emergir (desenho sem título) Presença O último voo

Fonte: Próprio do autor

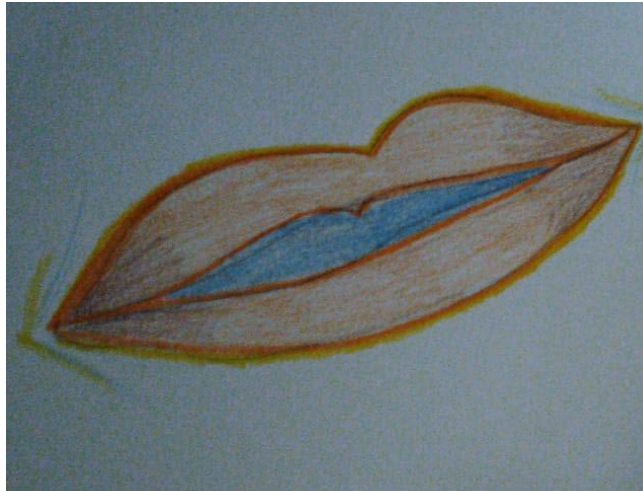
## Resultados

Para a exposição dos resultados foram feitas análises a partir das temáticas, isto é, dos encontros de cada elemento. Dessa maneira, não foram realizadas análises sobre as experiências individuais de cada participante, e sim sobre os sentimentos e as sensações que cada elemento despertou nos grupos.

O encontro do elemento terra foi estruturado a partir do mito de Hércules em que é descrito seu primeiro trabalho: a luta contra o leão de Neméia. Bulfinch (2017) apresenta em seu **Livro da Mitologia** a narrativa dos doze trabalhos de Hércules, também disponível em materiais escolares, por ser um mito bastante difundido. A história foi adaptada para que se adequasse ao tempo do encontro e para que ganhasse o tom de contação. A proposta arteterapêutica foi desenhar um instrumento de poder. Gaspar (2018), pautada nos escritos de Chevalier e Gheerbrant (2003), Cirlot (2005), Fincher (1991) e Lexikon (1994), aponta que o elemento terra promove a sensação, nos traz a materialidade e tudo o que nos fornece base e suporte para o crescimento. “Refere-se a tudo que assume uma forma definida, que ocupa um lugar no espaço e, de modo profundo, ao nosso posicionamento existencial” (GASPAR, 2018, p. 6).

Em diversos momentos dos encontros os participantes manifestaram dificuldade em materializar o instrumento de poder através do desenho. Muitos optaram por desenhar sentimentos, sensações ou partes do próprio corpo que simbolizavam, para eles, o poder.

Apesar do elemento terra ser aquele que fornece estabilidade, percepção da realidade e estruturação psíquica (Gaspar, 2018), os encontros de terra foram marcados por reflexões subjetivas dos participantes. Alguns ressaltaram incômodo frente à “violência do mito”, que descreve de maneira detalhada como Hércules encontrou e matou o leão com as próprias mãos.



Nós (JMD) - 23/10/2020



Presença (TPL) - 20/11/2020

Os encontros do elemento ar trabalharam com o mito de Hermes, o deus-mensageiro da mitologia grega, cuja história é narrada por Claude Pouzadoux em **Contos e Lendas da Mitologia Grega**. Foi feita a mesma adaptação citada no elemento anterior, buscando acentuar o tom pessoal de contação de história. Após a leitura do mito, a proposta arteterapêutica foi produzir um desenho a partir da pergunta: “quais reinos você gostaria de percorrer?”. Gaspar (2018) aponta que o ar representa o nosso potencial de sonhar e criar imagens, que depois podem ser configuradas em projetos. Além de favorecer a coordenação de ideias e da linguagem, o elemento ar também é o símbolo da liberdade, da expansão, da comunicação e da criação – daí a escolha pelo mito de Hermes, relacionado às mesmas simbologias.

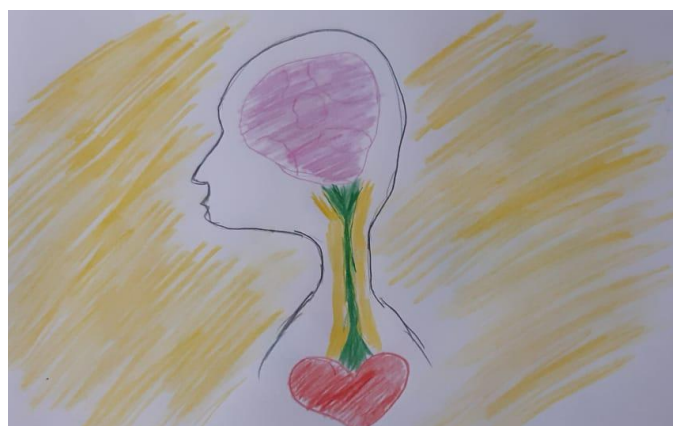
Os encontros do elemento ar foram marcados por momentos de conexão e troca entre os participantes, os quais demonstravam maior abertura para o compartilhamento de experiências pessoais e também para a escuta do outro. Diversos participantes relataram a sensação de leveza ao final do encontro.



Harmonia (BN) - 02/10/2020



A menina dança em direção ao céu, mas ela quer criar raízes (GL) - 30/10/2020



Equilíbrio distante (GFS) - 30/10/2020

Nos encontros do elemento água, foi feita a opção por trabalhar com uma história da mitologia brasileira – o mito de Iara, retirado das obras de Gaspar (2018) e Alves (2017). Segundo Gaspar (2018), a água nos remete à origem e ao nascimento, relacionando-se com nossas emoções e nossos sentimentos, além de trazer ideias de flexibilidade, fluidez, frescor e relaxamento.

A proposta arteterapêutica do elemento água para os participantes foi que desenhassem a parte da história que mais gostaram. Gaspar (2018), pautada nos escritos de Chevalier e Gheerbrant (2003), Cirlot (2005), Fincher (1991) e Lexikon (1994), diz que a dimensão do feminino, relacionada à água, nos permite gerar e nutrir novas propostas e projetos. Por esse motivo foi feita a opção por trabalhar, nesse elemento, com uma proposta arteterapêutica mais aberta e flexível.

Alguns participantes relataram incômodos frente ao que denominaram como “mito mórbido”. Por outro lado, o motivo dos peixes como elementos de resgate apareceu mais de uma vez nos desenhos, assim como a ideia de novas possibilidades relacionada a esses animais.



Lágrima (LP) - 09/10/2020



Submergir para emergir (TPL) - 06/11/2020



Encontrar seu lugar (KO) - 04/12/2020

Por fim, nos encontros do elemento fogo o trabalho foi realizado por meio de dois mitos diferentes. Nos dois primeiros encontros foi utilizada a história de Vasalisa, da mitologia russa, adaptada a partir da versão apresentada por Clarissa Pinkola Estés no livro **Mulheres que correm com os lobos**. No entanto, por acreditar que a história era muito grande e complexa para um encontro de uma hora de duração, no último encontro, foi escolhido o mito da Fênix, adaptado a partir da versão contada por Heródoto na obra **História**. Ambas as histórias se relacionam com o elemento fogo que, de acordo com Gaspar (2018), está ligado à capacidade humana de iluminar aspectos da realidade, tanto positivos quanto negativos. Além disso, o fogo também se relaciona com a intuição, a criatividade, a transformação, a autoconfiança e a coragem. De acordo com a mesma autora:

Entende-se como negativos os conteúdos não trabalhados, não esclarecidos. Basta, porém, clareá-los para deixarem de ser desconhecidos e passarem a ser integrados. Aliás, a integração é um processo de clareza pessoal. (GASPAR, 2018, p.14)

Nas oficinas, os encontros do elemento fogo trouxeram as ideias da intuição humana e da dualidade, trabalhando os aspectos de luz e sombra dos participantes. Como nos aponta a autora, o fogo nos permite entrar em contato com a luz de maneira mais rápida, possibilitando a iluminação dos aspectos sombrios.



O sol que ilumina o dia, mas que também queima a pele (GM) - 16/10/2020



## Dança da luz (OMH) - 16/10/2020



Pesar o novo (BL) - 11/12/2020

### Considerações finais

As oficinas “Eu não sei desenhar!” totalizaram doze encontros, realizados ao longo de quatro meses de trabalho, com a participação de vinte e uma pessoas ao todo. Foram utilizados cinco mitos diferentes e produzidos mais de quarenta desenhos.

O trabalho com grupos abertos e rotativos ofereceu a possibilidade de estabelecer comparações, não no sentido de hierarquizar ou julgar, mas sim de observar as nuances individuais frente ao coletivo. Foi possível observar a mesma atividade/temática sendo realizada por grupos diferentes, o que me permitiu explorar as várias maneiras de se conectar com os elementos da natureza e com a mitologia.

A realização de grupos abertos implicou também no desconhecimento da história de cada um e, por isso, demandou cuidado por parte do arteterapeuta na seleção das histórias e propostas. Afinal, é tarefa do arteterapeuta escolher as atividades pertinentes ao grupo atendido, levando em consideração tanto suas possibilidades quanto seus limites. Uma vez que nos grupos abertos não é possível ter acesso ao histórico psíquico individual, o ideal é que as propostas contemplem exercícios de autoconhecimento baseados nos aspectos positivos da psique a fim de evitar possíveis desequilíbrios decorrentes do acesso a conteúdos profundos e/ou sombrios.

Ao final, os objetivos das oficinas de proporcionar autoconhecimento pelo fortalecimento dos aspectos positivos da psique e promover a vivência de momentos de descontração frente aos desafios da pandemia foram atingidos, uma vez que houve

*feedbacks* positivos dos participantes e foi possível observar momentos de entrega, conexão e transformação pessoal. A utilização de histórias mitológicas proporcionou, ao mesmo tempo, o contato com aspectos arquetípicos do ser humano e o mergulho em si mesmo, por meio das experiências individuais. Cada encontro representou um passo em direção ao autoconhecimento a partir daquilo que cada um trazia em si em termos de forças e potencialidades.

Nos encontros do elemento terra, a dificuldade em materializar o instrumento de poder pode estar relacionada com a técnica utilizada, o desenho. Nesse caso, as expressões tridimensionais (modelagem ou construção) poderiam ter se constituído como alternativas mais adequadas para o trabalho arteterapêutico com instrumentos de poder e o elemento terra.

Por serem atividades realizadas no formato *on-line*, os participantes utilizaram os materiais que tinham acesso em casa para produzir os desenhos. A maioria utilizou lápis de cor e folhas brancas A4, embora alguns tenham optado por lápis grafite, caneta esferográfica, folhas pautadas de caderno e folhas brancas de tamanho A5. No entanto, a diferença na escolha e no uso de materiais não impediu o acesso de cada um a seus conteúdos internos, tampouco a vivência dos sentimentos desencadeados pelo desenho. Neste caso, o compartilhamento por todos os participantes da técnica (desenho), da temática (quatro elementos) e das propostas arteterapêuticas se sobrepôs às diferenças individuais de materiais.

Os principais aprendizados decorrentes das oficinas foram a importância da presença, do acolhimento e da abertura para o novo por parte do arteterapeuta. Em todos os encontros foi necessário um estado de profunda abertura e conexão a fim de permitir que cada novo grupo afluísse em suas próprias particularidades, energias e potencialidades. Entre os desafios, as falhas de conexão e a limitação da visualização na tela foram aspectos significativos. Esta última trouxe limitações no tocante à linguagem corporal, às expressões faciais e ao manuseio do material, impedindo a observação de pequenos detalhes que também fazem parte do processo arteterapêutico. No entanto, a possibilidade de oferecer este contato com a Arteterapia a tantos participantes demonstrou a importância de aprender e explorar a viabilidade de oficinas e demais trabalhos *on-line*.

**Data de chegada: 18.12.2021**  
**Data de aceite 1º parecerista: 01.07.2022**  
**Data de aceite 2º parecerista: 01.07.2022**

## Referências bibliográficas

ALVES, J. C. **Abecedário de personagens do folclore brasileiro: e suas histórias maravilhosas.** São Paulo: FTD: Edições Sesc, 2017.

BULFINCH, T. **O livro da Mitologia: a Idade da Fábula.** São Paulo: Martin Claret, 2017.

ESTÉS, C. P. **Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem.** Rio de Janeiro: Rocco, 2018.

GASPAR, F. M. **Arteterapia e os 4 elementos da natureza.** Apostila de Pós-Graduação latu sensu em Arteterapia. NAPE, 2018.

HERÓDOTO. **História.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

JUNG, C. G. **Tipos Psicológicos.** Petrópolis: Vozes, 1991.

OS 12 TRABALHOS DE HÉRCULES. Disponível em:

[https://www.trezetillas.sc.gov.br/uploads/707/arquivos/1990303\\_Os\\_doze\\_trabalhos\\_de\\_Hercules\\_7\\_ano.pdf](https://www.trezetillas.sc.gov.br/uploads/707/arquivos/1990303_Os_doze_trabalhos_de_Hercules_7_ano.pdf). Acesso em: 5 jun. 2022.

PHILIPPINI, A. **Grupos em Arteterapia: redes criativas para colorir vidas.** Rio de Janeiro: Wak, 2020.

\_\_\_\_\_. Mas o que é mesmo arteterapia? **Coleção de Revistas de Arteterapia “Imagens da Transformação”**, v. 5, s/p, 1998.

\_\_\_\_\_. Materialidade e arteterapia. **Coleção de Revistas de Arteterapia “Imagens da Transformação”**, v. 3., s/p, 1996.

POUZADOUX, C. **Contos e lendas da mitologia grega.** São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

RODRIGUES, C. C. **Materiais e técnicas: sua história e seus valores terapêuticos.** Rio de Janeiro, 2010. Monografia (Especialização em Arteterapia na Educação e Saúde) – Universidade Candido Mendes.

UBAAT. **Orientações para o regime emergencial de atendimento à saúde na pandemia do Covid-19.** União Brasileira de Associações de Arteterapia, 2020.

URRUTIGARAY, M. C. **Arteterapia: a transformação pessoal pelas imagens**. Rio de Janeiro: Wak, 2011.

VALLADARES-TORRES, A. C. A.; SANTOS, J. P. R. O uso de contos e mitos em Arteterapia como cuidado em saúde mental nas toxicomanias. Em: CARVALHO JUNIOR, F. F. (Org.). **Ciências da Saúde: desafios, perspectivas e possibilidades** [livro eletrônico]. Guarujá: Científica Digital, 2021, p. 107-119.

## RELATO DE EXPERIÊNCIA

### **Reciclando almas: o uso de colagem e garrafas na arteterapia para a libertação interior**

### **Recycling souls: the use of collage and bottles in art therapy for inner liberation**

Priscilla Reuter<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo apresenta as práticas supervisionadas de Arteterapia *on-line* para ajudar mulheres a fortalecer sua autoestima, com reconstrução e libertação interior, realizadas em três grupos e um atendimento individual. As vivências arteterapêuticas propiciaram um renascer por meio do uso da colagem e de construções criativas com materiais recicláveis, em especial garrafas, que podem simbolizar vasos sagrados, o próprio útero. O artigo traz as simbologias e significados suscitados de cada uma destas técnicas usadas para ressignificar conteúdos internos. Os quatro elementos – Água, Terra, Fogo, Ar – integrados às atividades de construções com as garrafas, foram facilitadores para acessar sentimentos e emoções, com destaque para a água, usada no processo alquímico *Solutio*, que propicia transformar a rigidez em fluidez. Os mitos das deusas Afrodite, Deméter, Ísis e da Fênix inspiraram as expressões artísticas das mulheres, como forma de se chegar à alma e resgatar o autoamor. A permissão de um tempo para olhar para si, a valorização pessoal, aceitação de ciclos da vida, perdas e transformações foram trabalhados para a criação do novo ser, simbolizado na construção final com o elemento Ar: a criação de uma boneca com asas.

**Palavras-chave:** Colagem; Reciclagem; Garrafas; Autoestima; Libertação Interior.

**Abstract:** This article presents the supervised practices of online Art Therapy to help women to strengthen their self-esteem, by reconstruction and interior liberation, carried out in three groups and one individual session. The art-therapeutic experiences provided a rebirth through the use of collage and creative constructions with recyclable materials, especially bottles, which can symbolize sacred vessels, the womb itself. The article shows the symbologies and meanings of each of these techniques used to reframe internal content. The four elements – Water, Earth, Fire, Air – integrated into bottle building activities, were facilitators to access feelings and emotions, with emphasis on water, used in the alchemical

---

<sup>1</sup> Formação em Moda pela Universidade Anhembi Morumbi, MBA em *Marketing e Design* de Moda pelo IBModa, Pós Graduação em Arteterapia pelo Instituto Freedom. Criadora do método Reciclando Almas. Contatos: [reciclandoalmas7@gmail.com](mailto:reciclandoalmas7@gmail.com); <https://reciclando-almas.mailchimpsites.com/>

process Solutio, which turns rigidity into fluidity. The myths of the goddesses Aphrodite, Demeter, Isis and Phoenix inspired their artistic expressions, as a way of getting to the soul and rescuing self-love. Allowing time to look at yourself, personal appreciation, acceptance of life cycles, losses and transformations were worked on to create the new being, symbolized in the final construction: the creation of a doll with wings.

**Keywords:** Collage; Recycling; Bottles; Self-esteem; Inner Liberation.

## Introdução

"A vida natural é o solo em que se nutre a alma. Quem não consegue acompanhar esta vida, permanece enrijecido e parado em pleno ar." (JUNG, 2015, p. 316).

A baixa autoestima e a desconexão da potencialidade pessoal que atinge um grande número de mulheres estão intimamente ligadas à falta de amor próprio, dificuldade de autoaceitação e falta de autoconhecimento. A necessidade da perfeição, de não se sentirem completas ou capazes o suficiente, o medo de errar e o não conhecimento de si mesmas levam a uma autoexigência destrutiva, gerando ansiedades, culpas, insatisfações, falta de cuidado consigo mesmas, considerando apenas o outro ou outras coisas como prioridade. Sem o conhecimento de si, se perdem em seu caminho, pela falta de coragem de seguir a essência interior, que fica escondida, presa.

Com frequência, vivemos superficialmente, porque parece muito doloroso ir mais fundo. Não sabemos o que fazer com a dor, com as feridas, a vergonha, a raiva, os ressentimentos, a depressão, os desequilíbrios, o vazio, a solidão, o sentimento de não sermos dignos de amor. Apegamo-nos ao que conhecemos, porque parece seguro, confortável e familiar, mesmo que não seja satisfatório. Sabemos que poderemos sobreviver, como sempre. Afinal, temos feito isso desde a infância." (COMSTOCK E THAME, 1994, p. 33)

Situações vivenciadas durante os anos, desde a infância, com sensação de não ter a devida atenção e sofrer repressões, potencializam a baixa autoestima, que se intensifica em situações de perdas, seja de pessoas, relacionamentos, trabalhos, posições, bens materiais, competições, envelhecimento, entre outras, além da insatisfação com a aparência. São momentos da vida que trazem reflexões para possíveis mudanças e aceitações.

Cada tipo de relacionamento tem suas funções, forças e fraquezas, que são influenciadas por vínculos anteriores. As fraquezas são algumas vezes refletidas nos transtornos do apego e outras vezes tornam-se aparentes quando o relacionamento é confrontado com o luto. (PARKES, 2009, p. 311)

O apego aos sentimentos negativos, memórias guardadas, situações não resolvidas internamente, geram travas internas que impedem a vida de fluir naturalmente.

O trabalho que precisamos fazer para nos libertar de nossa programação

começa no intelecto, com a consciência. Mas boa parte das nossas feridas remontam a muito antes de nosso intelecto estar ativo; elas ocorrem num nível físico e emocional, e é lá, no setor da emoção, aonde temos de ir para curá-las. (...) A única maneira de alcançar uma mudança profunda e duradoura é através da experiência. Temos de nos reconectar às nossas experiências e descobrir, validar e exprimir os nossos sentimentos mais profundos. (COMSTOCK E THAME, 1994, p. 45)

Nesse sentido, a Arteterapia pode ajudar a todas as pessoas por meio das expressões artísticas a se conectarem consigo mesmas. A Arteterapia pode ser utilizada como ferramenta no resgate da autoestima, começando pelo incentivo da criatividade, estimulando a pessoa a reconhecer o que há de melhor dentro de si, despertando potencialidades até então escondidas. Além disso, também favorece a liberação de tensões, ansiedades, emoções e sentimentos reprimidos, por meio de suas expressões durante o processo arteterapêutico.

Os processos de desenho, pintura, colagens, esculturas, entre outros, permitem que os conteúdos inconscientes aflorem. Assim, o autoconhecimento é permitido pelo ato de criar, que permite acessar o que não se consegue com as palavras.

O símbolo tem a função integradora e reveladora do eixo de si mesmo, entre o que é desconhecido – inconsciente individual e coletivo – e a consciência. O símbolo aglutina e corporifica a energia psíquica, permitindo ao indivíduo entrar em contato com níveis mais profundos e desconhecidos do seu próprio ser e crescer com estas descobertas. O símbolo constelado com a ajuda dos materiais expressivos dinamiza e facilita a estruturação e transformação dos estados emocionais que lhe deram origem. (PHILIPPINI, 2013, p. 18)

As vivências arteterapêuticas, com exercício do olhar criativo, propiciam desconstrução e reconstrução, onde a pessoa pode ressignificar sentimentos e momentos de sua vida, ao ver as coisas com olhar mais amplo, descobrindo novos caminhos. Da sensação de caos inicial, percorre-se um trajeto onde conteúdos internos são expressados, e por meio de formas e contornos configuram uma imagem de possível entendimento ou caminho à organização mental. Assim, cada vez que se cria, pode-se vivenciar uma nova experiência.

Um dos recursos que trazem a facilitação desta reconstrução é a colagem, utilizando revistas, sucatas, tecidos e outros materiais para criar a construção de algo novo. Entre os materiais, a garrafa, que trabalha com a reconstrução do vazio, traz uma grande ressignificação de sentidos.

Quem quer que mergulhe nas profundezas de sua arte, em busca de tesouros invisíveis, trabalha para erguer essa pirâmide espiritual que chegará ao céu. (KANDINSKY, 1990, p. 57).

De acordo com o filósofo espiritualista Sama (2019, p. 100), seria ótimo que a felicidade se estabelecesse sem que nada precisasse ser mudado, "contudo, como se trata

da construção de um mundo novo, é indispensável que se faça uma prestação de contas do velho mundo. É como a construção de uma casa nova, quando se fazem necessárias a demolição da casa velha e a limpeza do terreno." Ele também afirma que enobrecer os sentimentos do ser humano e enriquecer-lhe a vida, proporcionando-lhe alegria e sentido, é a missão da arte.

Quando o ser humano perde a saúde espiritual ou material, significa que deixou de ser o que era: Verdade. Tomemos como exemplo uma jarra: se ela apresentar um defeito, perderá sua utilidade. Como objeto, nela não há Verdade se deixar vazar água, se cair quando a colocarmos em pé, ou quebrar-se quando tentamos usá-la. Para que a jarra possa ser utilizada, é preciso consertá-la. O mesmo acontece com as pessoas. (SAMA, 2007 p. 59)

Neste caminho de reconstrução, a Arteterapia proporciona um encontro com a vida e com a Natureza Criadora. Sendo assim, entre os diversos materiais que podem ser trabalhados, o uso dos quatro elementos durante os processos criativos – fogo, terra, água e ar – ajudam a estimular e aprofundar sentimentos e emoções gerando transformações e fortalecimento, como utilização de vela, argila, tintas, a própria água ou a imaginação criativa, levando a sensação de estarem em conexão com os elementos, ou desenhando, de forma que o elemento esteja presente.

As deusas foram representadas como força do mundo exterior da natureza. Na contemplação das mitologias pode-se identificar a própria alma. Despertar as deusas é dar ouvido e voz aos chamados do coração, é acessar as camadas mais profundas do ser. Portanto, trabalhar com mitos também é uma excelente forma de se chegar à alma e resgatar o autoamor.

Em 2020, em meio a pandemia, foram realizadas práticas arteterapêuticas para ajudar mulheres a fortalecer sua autoestima e se libertar das travas internas para seguir a vida. Para isso, foram organizados três grupos, entre doze mulheres, e um atendimento individual. Entre os objetivos específicos estão:

- Sentir bem-estar e leveza.
- Despertar para o amor próprio.
- Libertar-se da rigidez, da autocrítica e dos sentimentos tóxicos.
- Ressignificar momentos vivenciados e encontrar novos caminhos de vida.
- Incentivar a descoberta de potencialidades.
- Estimular o processo criativo.

### **1. Arteterapia: caminho para a cura da alma**

Arteterapia é um processo terapêutico realizado por meio de expressões artísticas. Caracteriza-se por possibilitar que qualquer indivíduo entre em contato com seu próprio universo interno, com aqueles que estão a sua volta e com o mundo.

As artes favorecem a expressão de aspectos que estão no inconsciente humano. Assim, o trabalho com as emoções por meio da Arteterapia pode melhorar a qualidade de vida, pois facilita o desenvolvimento pessoal, proporcionando um caminho de cura da alma. As emoções são formas de comunicação primária, e podem ser mais importantes do que palavras.

As vivências arteterapêuticas ajudam na recuperação da saúde mental, no bem-estar emocional e social da pessoa e, pelas expressões de sentimentos, facilita a reflexão, permitindo as mudanças necessárias no comportamento.

Ao promover processos de transformação, o trabalho arteterapêutico leva a um questionamento existencial que nos predispõe à abertura para a criação de um projeto de vida que inclua a conquista de nossos tesouros internos, a realização de nossos sonhos de felicidade, ou seja, a nossa autorrealização. (BERNARDO, 2013, p. 138)

### **1.1. Mulheres em busca de transformação**

O primeiro atendimento foi individual com a Dália<sup>2</sup>, uma mulher de 45 anos, casada, que mora no exterior com o marido; ela tem perfil depressivo pelo isolamento social, pela perda recente da mãe e por não ter conseguido engravidar após vários tratamentos. Com ela foram realizados nove encontros.

O grupo 1 foi formado por seis mulheres, de redes de contatos, com faixa etária entre 35 e 67 anos. Com esse grupo foram realizados 14 encontros.

O grupo 2 incluiu três mulheres na faixa de 40 anos de idade, e com ele foram realizados dez encontros.

O grupo 3 foi formado por uma mãe na faixa de 50 anos e duas filhas com idade entre 20 e 25 anos. Com este grupo foram realizados o total de sete encontros.

## **2. As vivências arteterapêuticas**

Entre as práticas realizadas com as mulheres dos três grupos e o atendimento individual se destacaram o uso de colagem com imagens de revistas e construções utilizando garrafas vazias, retalhos de tecidos e acessórios diversos.

Os quatro elementos da natureza - Água, Ar, Terra, Fogo - foram trabalhados nas sessões, com destaque para a água, assim como alguns mitos sobre as deusas.

O objetivo dos encontros foi o despertar para o amor próprio, por meio de processos de transformação com os materiais trabalhados, gerando libertação de conteúdos internos e o despertar de suas potencialidades. Por meio do estímulo da criatividade, buscou-se o bem-estar das participantes, com ressignificação de momentos vivenciados para o encontro

---

<sup>2</sup> Dália é um nome fictício, assim como todos os nomes citados no artigo.

de novos caminhos de vida, com mais leveza e fluidez.

## 2.1. A colagem

O ser humano passa por diferentes etapas e passagens durante a vida, incluindo nascimento, adolescência, casamento, maternidade/paternidade, mudanças profissionais e mortes. De acordo com Bernardo (2013 p. 89), "as sociedades ancestrais praticavam rituais que assessoravam as pessoas nessas passagens, promovendo a canalização de sua energia psíquica em direção a esses novos posicionamentos existenciais." Atualmente, isso se perdeu, tornando tudo mais automático, seguindo o fluxo da vida. Em algum momento um alerta vai começar a tocar, quando o corpo ou a mente começarem a passar por processos purificadores. Desta forma, os recursos expressivos podem ser de grande importância para ajudar nestes processos de conscientização e transformação.

As experiências com a matéria e o manusear do que está externo conduzem às ordenações internas. No processo de colagem, a percepção do caos inicial, com diversas imagens e recortes espalhados e confusos, sem saber por onde começar a organizar e o que vai surgir a partir deste contexto, levam ao um processo de harmonização e de nascimento de algo novo, uma reconstrução. Alvarez (2019)<sup>3</sup> menciona que as próprias mãos são instrumentos de libertação (informação verbal), no processo de recorte, de algo que será cortado, tirado de seu contexto, para se criar algo novo.

Aos poucos, cada parte vai se encaixando no papel até formar uma composição de figuras expressivas ou uma nova imagem. E cada imagem selecionada em revistas para composição traz uma simbologia de conteúdo do inconsciente.

A colagem propicia um campo simbólico de infinitas possibilidades de estruturação, integração, organização espacial e descoberta de novas configurações. É instigante como um mapa do tesouro, pois as informações estão ali desde o princípio, embora, num primeiro momento, nem sempre consigamos decifrar os códigos em que estes mapas estão cifrados. (PHILIPPINI, 2018, p. 24)

---

<sup>3</sup> Citação realizada por Silvio Alvarez durante o I Congresso Paulista de Arteterapia - IX Fórum de Arteterapia da AATESP, São Paulo, 2019.



Árvore com colagem e Mandala: Encontro 3 e 4 – Dália

Nos encontros individuais com Dália, por exemplo, em cinco das nove vivências foram trabalhados procedimentos com colagem. Na figura da árvore, realizada no terceiro encontro, o elemento principal trabalhado foi a rosa e, entre as imagens de jóias, nota-se que uma das rosas, do lado direito, estava acorrentada.

O uso da colagem a partir de recortes de revistas pode acontecer de formas diversas. Nas práticas arteterapêuticas realizadas, a colagem foi utilizada na criação de árvores, mandalas, livre expressão, colagens tridimensionais e outras construções com uso de tesoura ou rasgos manuais.



Mandala tridimensional: Encontro 9 – Dália

No nono encontro com Dália, a partir da proposta de construção de mandala de flor tridimensional, surgiu uma espiral de água, iniciada com imagem de regador molhando uma muda de planta sobre imagens de folhas e jardim de flores, nomeada como: "Tentativa de um encontro". Assim, foi possível notar a sua evolução e a importância de se cuidar, da flor acorrentada à semente regada.

Uma outra forma de trabalhar com colagem é a montagem de mosaicos a partir de pequenos pedaços de papéis.

(...) As experiências com mosaico nos auxiliam a organizar o mosaico interno de afetos, emoções e memórias. A atividade de reunir cacos permite partir de um caos e de uma desconstrução para, passo a passo, ressignificar, reconstruir, atribuir um novo sentido e descobrir beleza no material quebrado, descartado, amontoado e confuso. (PHILIPPINI, 2018 p. 82)



Mosaico de Papel: Encontro 4 Grupo 1 – Estrela  
Mosaico de Papel: Encontro 3 Grupo 3 – Lótus

Na atividade de mosaico, assim como nas vivências com colagem, constela-se o tema do desmembramento, seguido de uma reconstituição, e traz um símbolo de renascimento. Bernardo (2013, p. 91) diz que "quando algo morre para a consciência, é deflagrada a sua busca, que se configura na busca do sonho, do significado, da própria alma, impulsionando o desenvolvimento e a atualização de potenciais".

Assim, tendo como base partes que se integram em uma imagem, foi possível a ressignificação de conteúdos internos para o encontro de novos caminhos de vida, estimulando o processo criativo. A imagem da Lótus, do Grupo 3, é exemplo disso ao nomear sua colagem de "Navegar", com a mandala em forma de manche.

## 2.2. A construção com reciclagem de materiais

Integrada à colagem está o reuso de papéis e materiais para a construção de algo novo. O reuso é uma forma de reaproveitamento de materiais que são descartados. Assim, é possível proporcionar um novo ciclo, dar nova vida à matéria atribuindo-lhe um novo valor.



Mandala com Fogo: Encontro 5 – Lótus 1

O trabalho com a sucata propicia o estímulo à criatividade através da construção e reconstrução do concreto e real. Configura-se num material transformador, pois se fornece uma nova utilidade ao que antes era lixo. Traz a mudança através do concreto, facilita a busca de possibilidades de transformação em todos os níveis. Por poder ser aliada à pintura, à colagem e à modelagem, apresenta-se como uma atividade rica e complexa, que pode mobilizar os conteúdos inconscientes, transformando-os, e ressimbolizando-os de forma benéfica. (NAGEM apud PHILIPPINI, 2013, p. 26)

Além do reaproveitamento, entre outras vantagens do reuso de materiais estão a diminuição da poluição da água, do solo e do ar, que se relaciona com a própria natureza humana; redução da acumulação progressiva de resíduos, nocivos à saúde; melhoria da qualidade de vida. Fazendo uma analogia com o processo arteterapêutico, simboliza um renascimento, uma renovação do ser, a partir do que se considerava sem vida, por meio do manuseio do material reaproveitado, que funciona como um aliado no trabalho terapêutico.



Garrafa & Água: Encontro 8 Grupo 2 – Petunia e Encontro 10 Grupo 1 – Begônia

Na vivência realizada no encontro 8 com o grupo 2, a construção a partir do uso da garrafa se deu com colagem de imagens selecionadas de revistas imersas na água, e a construção do que viria ser a cabeça, do ser que estaria se formando, foi feita com recortes de revistas intencionais molhados e amassados, tipo papel machê, que simbolizaram sonhos, aspirações e suas qualidades. A construção continuou nos próximos encontros.

Reciclar é submeter uma substância a um tratamento para alterar suas propriedades ou aproveitar melhor seu rendimento. Sob o olhar do material psíquico, toda vida humana é uma oportunidade de renovação e reciclagem de valores e prioridades. Maiores transformações, exigem maior esforço e decisão. Quando não é mais possível apenas interferir em um acontecimento, quando toda história se transforma em material usado e inutilizável, quando a realidade não corresponde mais à necessidade, é necessário reciclar. Ao reciclar, desconstruímos a realidade anterior, e com a matéria-prima, resultante desta desconstrução, reconstruímos uma nova história, mais adequada à realidade vivenciada. (NAGEM apud PHILIPPINI, 2013, p. 31)

Por meio da construção com um material que seria desprezado, trabalha-se a sombra, o desconhecido, o que não quer que seja visto. O resgate do que iria para o lixo simboliza a transformação do desprezível em preciosidade.

Podemos nos dispor, nessa atividade, a olhar para o que está entulhado em algum canto de nosso espaço interno (nem que seja para enterrar histórias que, de outra forma, continuariam contaminando a possibilidade de criarmos novas histórias, mais felizes), e a partir de sucatas propõe-se criar objetos que nos digam algo, ao mesmo tempo em que nos conectamos, nesse processo, com o que pode estar causando dor e desconforto, mas que, transformado, pode abrir novas perspectivas existenciais. (BERNARDO, 2013, p. 38-39)

Dessa forma, a construção com sucatas traz a valorização e a transformação do que estava sem vida, dando vida nova e desconstruindo crenças rígidas.

### **2.2.1. A garrafa**

O principal material sugerido como sucata para trabalhar diferentes construções nas práticas arteterapêuticas foi a garrafa, especialmente de vidro. A garrafa trabalha com a reconstrução do vazio, traz uma grande ressignificação de sentidos para a geração de uma nova vida. Ao trabalhar sobre a matéria, trabalha-se sobre si mesmo. Desse modo, vale comentar que "é dentro do Vaso sagrado que são alimentadas as idéias, que está contido o futuro, e que o crescimento se processa. As mulheres muitas vezes chamam seus próprios úteros de 'Vaso Sagrado'." (J.Sams apud BERNARDO, 2013 p. 19).

De acordo com Chevalier e Gheerbrant, o simbolismo da garrafa pode variar conforme as inumeráveis formas e conteúdos dela.

Fundamentalmente, porém, a garrafa vem da arca e traz o ramo, simboliza um saber e um saber salvífico, portador de paz. Ela é o navio e a arca dos conhecimentos secretos e das revelações que hão de vir. Vigny (Alfred de 1797-1863) fez da garrafa o símbolo da ciência humana, exposta a todas as tempestades, mas rica de um exilir divino, infinitamente mais apreciável do

que todo o ouro, os diamantes e as pérolas do mundo.(CHEVALIER E GHEERBRANT, 1982, p. 461)

Gerenstadt (2009, p. 34) cita que "as antigas lendas celtas falam de um Copo ou Vaso profético que possuía a água da ressurreição, da qual possibilitava toda classe de milagres e curas." Aqui, trata-se das lendas do Santo Graal, uma busca pelo que simboliza a plenitude interior que os homens sempre buscaram. Assim, a garrafa pode se relacionar com profundos significados.

Como uma folha de papel branco, a garrafa pode ser o ponto inicial para expressão artística em composição com outros materiais. As vivências arteterapêuticas realizadas com o grupo 2 integraram à garrafa outras matérias-primas, como argila, massa de modelar, colagem de papéis, modelagem com imagens de revistas, tecidos, crochê, aviamentos, adereços com brilho, sementes, folhas secas, giz de cera derretido e pintura.



Garrafa & Terra: Encontro 5 Grupo 2 – Estrelícia

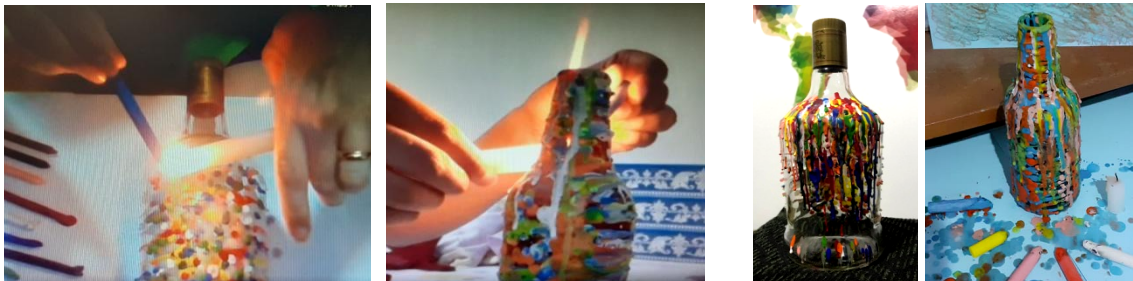
No encontro 5, a proposta foi trabalhar com o elemento Terra, modelando a argila sobre a garrafa, com aplicação de grãos e sementes, formando mandalas, tendo como base o conto das deusas Deméter (deusa da colheita) e Perséfone (deusa da primavera). Antes de iniciar, após a interação com a argila no corpo, o convite foi olhar para dentro, se conectar com a garrafa vazia, com o seu interior.

BERNARDO (2013) explica que:

(...) o acesso ao mundo interno é feito através do inconsciente (das florestas densas da alma), da criatividade (a arte é linguagem da alma!), pois a falta é como o vaso vazio que pode, assim, receber a semente de

uma nova vida – enterrar o morto e elaborar o luto é também plantá-lo definitivamente em nós, e deixar que ele faça parte de quem somos e seremos, com o que nos trouxe e ensinou, para que a vida que foi traga à tona as sementes do que virá em seu lugar. (p. 102)

No encontro 6 do grupo 2 foi trabalhada a integração com o elemento fogo, com o uso de giz de cera colorido derretido com a vela sobre a garrafa.



Garrafa & Fogo: Encontro 6 Grupo 2 – Estrelícia e Camélia

A transformação da matéria, com o fogo, gerou percepção de não se ter controle do resultado, proporcionando autoconfiança e motivação para deixar fluir, com sensação de liberdade. Também motivou a preencher os espaços vazios, com percepção de preenchimento do que faltava interiormente. E o modelar da argila, a terra, simbolizou o início de uma nova vida, mais nutrida de si.

### 2.3. O elemento água

Entre os elementos da natureza trabalhados nas sessões de arteterapia, a água se destacou. Em geral, as mulheres traziam uma rigidez e exigência com elas mesmas, sendo que estes encontros foram algo novo, momentos para se olharem e cuidarem de si. A água se relaciona à dissolução, à fluidez e proporciona um mergulho interior mais profundo para que o novo possa emergir.

A Arteterapia também é análoga à Alquimia. Philippini (2018, p. 9) diz que "em ambos os saberes, há ligações importantes entre a realização do material e concreta e o trabalho teórico e psicológico".

A Alquimia, sistema filosófico que buscava extrair a "alma contida na matéria", como cita Bernardo (2013, p.13), diz que para que qualquer mudança aconteça, é preciso um retorno à matéria-prima essencial. Assim, pode-se considerar os trabalhos de imersão na água como um retorno ao útero para fins de renascimento.

A imersão na água simboliza um retorno ao estado que precedeu a forma, uma total regeneração, um novo nascimento, porque imersão significa uma dissolução de formas, uma reintegração à condição informe que precede a existência; de igual maneira, emergir à água é uma repetição do ato da criação em que a forma foi expressa pela primeira vez. (ELÍADE apud EDINGER, 1990, p. 78)

Entre os processos alquímicos está a *Solutio*, onde se trabalha o elemento água. De acordo com Rocha (2020)<sup>4</sup>, *Solutio* está relacionada à palavra solução, o que indica solucionar um complexo psicológico. Nessa operação alquímica, a água simboliza os sentimentos, acolhe e ajuda a dissolver a rigidez.

O elemento água foi trabalhado em alguns encontros com todos os grupos, incluindo mergulhos sensoriais, por meio de imaginação criativa, do uso de tintas e da imersão de papéis em água, estimulados pelo mito do nascimento da deusa Afrodite (deusa do amor e da beleza), além de exibição de vídeo de performance de sereia no mar e imagens para sensibilizações.

Uma das vivências propostas foi visualizar o mergulho no mar, acompanhando o movimento corporal de sereia apresentada da tela. Em um momento, a imagem parava e, ao fechar os olhos, as mulheres foram direcionadas a abrir um baú no fundo do mar. O que viram dentro do baú foi expresso com tinta aguada em papel, trazendo para a maioria suas preciosidades. Ao sair do mar, encontraram ainda uma garrafa com uma mensagem dentro, direcionada para elas, e reescreveram o que ali dizia. Esse papel foi guardado dentro de uma garrafa de vidro, que viriam a continuar trabalhando em próximos encontros.



Mergulho da sereia: Encontro 8 Grupo 1 – Estrela  
 Nascimento de Vênus: Encontro 7 Grupo 1 – Jasmim

No próximo encontro, a proposta foi mergulhar nos sentimentos, identificando em imagens ou palavras de revistas o que gostaria de dissolver dentro de si, o que estava guardado e gostariam de eliminar, desapegar, transformar. Os recortes foram rasgados e mergulhados em uma bacia com água e depois "colados" em uma garrafa. Depois de secos, poderiam ser pintados com tinta.

<sup>4</sup> Informação fornecida por Alex Rocha no curso *on-line* Alquimia e Psicologia Junguiana, promovido pelo Instituto Freedom, São Paulo, 2020.



Garrafa & Água: Encontro 10 Grupo 1 – Tulipa e Prímula; Encontro 8 Grupo 2 – Camélia

O processo de imersão na água gerou uma intensa libertação de sentimentos tóxicos, após uma certa angústia inicial, ressignificando memórias, gerando fluidez e leveza. Uma das participantes, Camélia do Grupo 2, por exemplo, transmutou a dor de um processo de separação, que veio à tona, a qual pensou já ter superado há anos.

### 3. Amor próprio e renascimento

O amor próprio está relacionado ao modo como cada um se vê e se trata. À medida que se aprofunda no autoconhecimento, o medo do julgamento e da crítica do outro passa a não fazer sentido, pois há a compreensão e o fortalecimento do mundo interior que vai refletir também no exterior.

A permissão de um tempo para si, o autoamor, as aceitações de ciclos da vida, os desapegos, a transformação de sentimentos e da autoimagem foram trabalhados para a criação de um novo olhar sobre si, simbolizado na construção final.

O processo criativo envolve três momentos que também estão presentes em nosso desenvolvimento psíquico, encontrados nos antigos rituais de iniciação e passagem de um ciclo da vida a outro: um mergulho no caos (abertura ao novo), uma morte simbólica (corte com formas cristalizadas e desatualizadas de relacionamento com a nossa realidade interna/externa), e um renascimento (ampliação de consciência, inaugurando um novo ciclo). E todo início nos brinda com a oportunidade de uma autocriação, tendo um efeito renovador sobre nós, correspondendo a uma regeneração e potencialização da energia psíquica. (BERNARDO, 2013, p. 115)



A Libertação: Encontro 9 Grupo 2 – Camélia e Estrelícia; Encontro 7 Grupo 3 – Lírio

Para finalizar, foram realizadas práticas com os grupos com a construção de uma boneca com asas, por meio da sensibilização do mito da deusa Ísis, deusa da fertilidade e da magia, que detém os segredos da vida, da morte e da ressurreição, também considerada a deusa dos quatro elementos.

A criação da boneca trouxe a importância das mulheres dialogarem com si mesmas, estimularem a criatividade para diferentes soluções e novos caminhos, fortalecendo o amor próprio, apesar das imperfeições e marcas de suas histórias. Algumas não conseguiram construir suas asas, mas visualizaram suas travas durante o processo e se acolheram com amorosidade.

### 3.1. Análise de resultados

Entre os principais resultados de transformação das mulheres que vivenciaram as práticas, estão o de Dália, atendida individualmente; Jasmim e Prímula, do grupo 1; Estrelícia e Camélia, do grupo 2.

A participante Dália trouxe a dificuldade em aceitar mudanças e perdas em sua vida, a instabilidade e a busca por um caminho, a esperança para seguir em frente. Assim, ela mergulhou na solidão e no sentimento de rejeição de sua infância e adolescência, e a percepção da coragem de seguir diferente, de ser livre, de amar a si mesma. Da rosa acorrentada, que apareceu nos primeiros encontros, à espiral de água nutrindo um jardim, a busca pelo encontro consigo mesma foi evoluindo e, além de ter conseguido emprego, para se sentir útil, questões internas foram transformadas. Além disso, outras questões que estavam guardadas vieram à tona e ela percebeu que precisava se tornar prioritária de sua própria vida, e que a arte tornava possível a expressão de seus sentimentos e verdades.

Já a participante Jasmim iniciou o processo trazendo o foco do seu trabalho, da forma masculina, e finalizou com a força da feminilidade, com o despertar para cuidar de si, trazendo a valorização de sua beleza, que a fez investir em compras de cosméticos,

cuidados com as unhas e os cabelos, um olhar diferente para as suas roupas, o que não ocorria antes.

A experiência de Prímula, em especial com a colagem de papéis molhados na garrafa e a montagem da boneca, trouxe a ressignificação de momentos vividos e percepções de sua forma de agir. O desapego de sentimentos trouxe uma resposta de mudança no seu trabalho e a simbologia da falta de um braço no resultado final a fez ver que precisava fazer algo por ela mesma, e não apenas para os outros.

A participante Estrelícia teve fortes *insights* e a principal mudança foi o resgate de uma dor guardada devido à separação do primeiro marido, que achou que já tivesse resolvida. Assim, ela conseguiu colocar para fora essa dor, de forma bem intensa, através do mergulho dos papéis recortados em bacia de água, realizado no oitavo encontro. Ela já foi muito rígida consigo mesma e permitiu se libertar.

Transformação, alegria, liberdade e leveza foram as palavras de Camélia ao final do processo terapêutico. As crises de síndrome do pânico que estava vivenciando antes de começar também sumiram.

Em geral, as vivências arteterapêuticas proporcionaram às mulheres o aumento da autoestima e a percepção da importância do autoamor; o autoconhecimento; a leveza e o bem-estar; o despertar da criatividade pessoal e de suas potencialidades; a transformação de sentimentos; sua entrega e fluidez; a libertação interior com a reconstrução pessoal.

### **Considerações finais**

O processo arteterapêutico com o uso da garrafa reutilizada, integrada à colagem e aos elementos da natureza, ganha potencialidade e profundidade para um encontro consigo mesma. O material que seria descartado e parecia sem valor se revela com uma nova forma, uma construção pessoal, com a percepção da força interior.

A garrafa vazia dá chance para um novo preenchimento. Desde a conexão com a matéria, a observação de um buraco profundo, um espaço a ser observado e sentido, até a sensação da construção sobre algo mais concreto, traz sob as mãos o si mesmo, o autocuidado e o fortalecimento do valor pessoal.

As partes separadas que se integraram na colagem têm o mesmo sentido, de reconstrução. As vivências resgataram a potencialidade de cada mulher, fortalecendo o bem-estar, a autoestima, a confiança, as novas descobertas e o caminho de aceitação com o entregar-se ao processo, permitindo-se fluir.

Sob os mitos das deusas, as vivências e os mergulhos com a água incentivaram o sentir, a feminilidade e a autovalorização, a ressignificação de memórias, facilitando a quebra da rigidez e a purificação dos sentimentos tóxicos; com a terra foi estimulado o processo criativo, trazendo força e autonutrição; com o fogo foi possível descobrir as

potencialidades e a intensidade, entregando-se à transformação; e com o ar foi possível notar a sensação de leveza e bem-estar, com asas mostrando novos caminhos para seguir.

O que se expressa materialmente reflete e expande o estado interior. A alma se purifica ao receber atenção e se revelar.

Olhar, despertar, permitir, aceitar, transformar, potencializar, renascer: este é o caminho da evolução. E há sempre o que olhar, muito o que transformar, com amorosidade.

**Data de chegada: 04.11.2021**  
**Data de aceite 1º parecerista: 21.04.2022**  
**Data de aceite 2º parecerista: 25.05.2022**

### Referências Bibliográficas

BERNARDO, P. P. **A prática da Arteterapia: Correlações entre temas e recursos volume I: temas centrais em arteterapia.** Arterapinna Editorial: São Paulo, 2013.

\_\_\_\_\_. **A prática da Arteterapia: Correlações entre temas e recursos volume V: a alquimia nos contos e mitos e a arteterapia: criatividade, transformação e individualização.** Arterapinna Editorial: São Paulo, 2013.

COMSTOCK, K.; THAME, M. **Como passar sua vida a limpo.** Editora Pensamento: São Paulo, 1994.

EDINGER, E. F. **Anatomia da Psique: o simbolismo alquímico na psicoterapia.** São Paulo: Cultrix, 2006.

GERENSTADT, H. **Avalon e o Graal: e outros mistérios arturianos.** São Paulo: Madras, 2009.

JUNG, C.G. **Espiritualidade e transcendência: seleção e edição de Brigitte Dorst.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

NAGEM, D. **Caminhos de Transformação: Transformar Para Integrar da Restauração à Reciclagem.** 2004 Monografia (Especialização em Arteterapia) ISEPE: Rio de Janeiro, 2004.

\_\_\_\_\_. In: PHILIPPINI, A. **Arteterapia, Métodos e Processos.** Rio de Janeiro: WAK Editora, 2009.

PARKES, C. M. **Amor e Perda: as raízes do luto e suas complicações.** São Paulo: Summus, 2009.

PHILIPPINI, A. **Arteterapia: métodos, projetos e processos.** Rio de Janeiro: Wak Editora, 2013.

\_\_\_\_\_. **Para entender Arteterapia:** cartografias da coragem. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2013.

\_\_\_\_\_. **Linguagens, materiais expressivos em arteterapia:** uso, indicações e propriedades. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2018.

SAMA, Meishu. **Alicerce do Paraíso:** agricultura natural, arte e sociedade. São Paulo: Fundação Mokiti Okada, 2007.

\_\_\_\_\_. **Os Novos Tempos:** fragmentos de ensinamentos de Meishu Sama. São Paulo: Fundação Mokiti Okada, 2019.

## RELATO DE EXPERIÊNCIA

### **Re-criar uma história de vida: reconstruindo narrativas** **Re-creating a life's story: reconstructing narratives**

Celina Rozenblum Lefelman<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo tem o objetivo de discutir a importância da construção de uma história de vida junto a crianças que sofreram algum tipo de trauma, tendo como base teórico-prática o espaço criativo da Arteterapia em interface com o que aqui denominamos aporte integrativo. De modo a aprofundar o tema, é apresentado um episódio clínico de uma criança que foi precocemente separada de sua mãe biológica e cuja intervenção se centrou em contar a verdade sobre seu passado e presente, de forma que pudesse construir, junto com a arteterapeuta, uma narrativa coerente e, assim, alcançar alguma compreensão da situação traumática, de acordo com o momento de seu desenvolvimento emocional. Trata-se de um modelo terapêutico que pode levar o paciente a criar vínculos afetivos seguros, elaborar suas questões e seguir em seu processo de amadurecimento com esperança no futuro, tendo na narrativa de sua história de vida um recurso para sustentação emocional.

**Palavras-chave:** Arteterapia; Aporte integrativo; Famílias de acolhimento; Situação traumática.

**Abstract:** This article aims to discuss the importance of building a life story with children who have suffered some type of trauma, having as a theoretical-practical basis the creative space of Art Therapy in interplay with what we call here the integrative framework. To deepen the theme, we present a clinical episode of a child who was prematurely separated from his biological mother and an intervention which focused on telling the truth about his past and present, so that he could build, together with the art therapist, a coherent narrative, and so arrive at an understanding of the traumatic situation, according to the moment of his emotional development. It is a therapeutic model that can lead the patient to create secure affective bonds, elaborate his/her questions and continue in his/her maturation process with hope for the future, using the narrative of their life story as a resource for emotional support.

**Keywords:** Art therapy; Integrative framework; Foster Care families; Traumatic situation.

---

<sup>1</sup> Celina Rozenblum Lefelman é arteterapeuta e psicoterapeuta CPP – child-parent psychotherapy. Clínica em Tel Aviv, assessoria a pais, psicoterapia para crianças em famílias de acolhimento e adotadas. E-mail: celinarozenblum@gmail.com; celinarozenblum@yahoo.com.

## Introdução

É fato que as narrativas têm o potencial de transformar a maneira como nos relacionamos e nos ajudar a compreender quem somos, de onde viemos e o mundo à nossa volta. Grande parte dessas narrativas são construídas junto a nossos familiares, em especial quando nos dedicamos a apreciar registros fotográficos de momentos importantes, de lugares onde estivemos juntos, nos trazendo a sensação de pertencimento e segurança.

O que dizer então quando uma criança precisa ser retirada de sua família de origem, sem poder carregar na bagagem o álbum de retratos? Não é difícil imaginar que ela pode se sentir perdida, como se o chão desaparecesse sob seus pés, remetendo-a a um vazio muito grande e obrigando-a a enfrentar um conjunto único de experiências em comparação às crianças criadas por seus pais biológicos. E esses sentimentos ganham intensidade quando a separação acontece em razão de violências das mais diversas ordens por parte do casal parental.

Abusos, negligências, cuidados insuficientes, indiferentes e imprevisíveis, geralmente, levam ao desenvolvimento de um estilo inseguro de apego, e a criança acaba por adotar a crença de que o mundo é indiferente e indisponível a ela, vendo-se como não merecedora de amor e cuidados. Trata-se de fatores que aumentam sobremaneira as chances do desenvolvimento de psicopatologias, abuso de substâncias e comportamento antissocial. Em contrapartida, a esperança foi documentada como um poderoso fator de proteção a essas crianças, podendo ser reavivada justamente nos lares substitutos e dentro de um processo terapêutico (SHEPHERD, 2009).

O fato é que crianças acolhidas e/ou adotadas, geralmente, se sentem confusas, culpadas, com raiva e tendem a desejar o retorno ao que é familiar e conhecido, mesmo que gere sofrimento. Na maioria dos casos, não há quem lhes explique com êxito, e de acordo com o estágio socioemocional em que se encontram, a situação a ser enfrentada, de forma que possam compreender e assimilar a nova realidade. Em parte, isso acontece pela dificuldade dos adultos em conversar com elas, fazendo uso de uma linguagem adequada, acerca das circunstâncias de sua remoção de casa, do que acontecerá a seus pais e suas famílias biológicas e do que será de seu futuro.

Somado a isso, quando são retiradas de suas casas, essas crianças vivenciam diversas transições, quase sempre repentinas e traumáticas, tendo de se adaptar a um grupo familiar desconhecido. Ainda mais em casos em que a remoção precisa ser feita imediatamente, sem o tempo necessário para um apoio emocional e muito menos para um trabalho terapêutico.

É importante imaginar e observar o que podem sentir essas crianças, às vezes um bebê. Quando a dor está presente e não há com quem compartilhar, e diante de recursos limitados para lidar com tamanha violência, geradora de conflitos internos, como resultado,

elas acabam por se desconectar de si mesmas. Ou seja, a situação traumática ganha maior gravidade quando ficam sozinhas com suas feridas (GABOR MATE, 2021).

Ogden (2008) enfatiza a expressão winnicottiana "experiência de vida". Para estar vivo é preciso viver *junto*: a criação de sentido se dá na dimensão intersubjetiva, ou melhor, no constante movimento entre o mundo intrapessoal e o mundo do contato interpessoal. Nesse sentido, é fundamental que exista uma estrutura de apoio profissional às famílias de acolhimento e, obviamente, à própria criança.

Diante disso, este artigo se propõe a discutir um modelo de atendimento que busca favorecer a elaboração de situações traumáticas dessa natureza, tendo como principal referência o trabalho desenvolvido no espaço criativo da Arteterapia em interface com o que aqui denominamos aporte integrativo, que inclui terapia narrativa, ludoterapia, terapia diádica, teoria do apego e teoria das relações de objeto. É também apresentado um episódio clínico de uma criança que foi precocemente separada de sua mãe biológica. A intervenção foi focada na abordagem de acontecimentos importantes de sua vida, de modo a lhe revelar a verdade sobre seu passado e presente. Junto com a arteterapeuta, ela pôde construir uma narrativa coerente usando, para isso, recursos verbais e não verbais, alcançando alguma compreensão das situações traumáticas vividas, geradoras de sofrimento, reavivando a esperança e retomando seu processo de amadurecimento.

### **Arteterapia em interlocução com o aporte integrativo**

Sabemos que a proposta da Arteterapia, de prática e utilização de diferentes técnicas artísticas no espaço terapêutico, favorece o funcionamento mental saudável, possibilitando que o paciente expresse suas angústias em uma linguagem não verbal, de forma a não se sentir ameaçado e sem "romper" as organizações defensivas, muitas vezes necessárias para proteção do si mesmo nuclear. Isso permite uma conexão adicional com a arteterapeuta, que ocorre na dimensão experiencial, implícita e explícita, o que facilita que o paciente enfrente questões difíceis de serem expressas com palavras.

Assim, quando as palavras não estão acessíveis, a Arteterapia propõe que se dê forma, cor, música e movimento às experiências, buscando encontrar sentido e integrar nossas histórias. E ao contá-las por meio da arte, encontramos formas de bem-estar, de recuperação, além de possibilidades de transformação (MALCHIODI, 1997). Aos pacientes "sem palavras" e/ou que lhes é difícil confiar em alguém, a criação conjunta de um espaço que permite o silêncio (*being together*), o estar e fazer algo juntos (*doing together*) pode abrir uma nova perspectiva de relação intrapessoal e interpessoal.

Isso nos remete à intervenção denominada terapia narrativa, desenvolvida por Michael White em colaboração com David Epston (1990), e que faz parte da "cesta" das práticas terapêuticas que compõem o aporte integrativo. Na terapia narrativa, o terapeuta

assume a posição de colaborador para a externalização do problema, de modo a ampliar o novo enredo e criar um vínculo entre passado e futuro, resgatando momentos únicos e positivos na história pessoal. Os autores destacam a importância, neste modelo de intervenção, da presença de pessoas significativas como testemunhas da mudança e o uso de meios literários e metáforas.

Também os terapeutas narrativos Etchison & Kleist (2000) e Dunne (2003) apontam que a elaboração da história fornece uma estrutura coerente para que a pessoa possa entender o significado de sua vida, permitindo a formação de uma base para organizar a realidade de um modo que a consciência humana possa conter. As histórias ensinam até que ponto a vida está mudando e também quais experiências podem ser expressas, compreendidas e valorizadas. Emoldurar o problema reduz o estresse causado pela culpa e pela defesa e, assim, em vez de "ser um problema", a pessoa pode "estar em relação" com o problema. Em consonância, Withe e Epston (1990) argumentam que, uma vez que a pessoa vê o problema como algo separado de sua identidade, cria-se uma oportunidade de mudança, que pode ser expressa em comportamento, emoção e/ou cognição, além de possibilitar que a pessoa resista ou proteste contra o problema, negociando a relação com ele de diferentes maneiras.

Na perspectiva do aporte integrativo, concomitantemente a esse tipo de intervenção terapêutica, é possível usar a terapia do lúdico (*play therapy*). Baseada na ideia de que o brincar é uma forma natural de autoexpressão da criança, oferece a possibilidade de ela representar suas emoções e problemas, como medo, ódio, solidão e sentimentos de fracasso e de incompatibilidade (AXLINE, 1969). De forma similar aos enfoques psicanalíticos, a ludoterapia tem o potencial de oferecer à criança um entendimento das situações passadas, bem como experiências emocionais que encorajem a cura (LANDRETH, 2002). Além disso, é particularmente efetiva nos casos de crianças traumatizadas (OGAWA, 2004).

Já a teoria do apego de Bowlby (1969; 1982), que também compõe a "cesta" do aporte integrativo, nos permite a compreensão de que a sobrevivência do bebê é estimulada e garantida pelo vínculo existente entre ele e sua mãe ou cuidador primário.

Para Becker-Weidman (2006), crianças que apresentam características de apego traumático, internalizaram um modelo negativo do mundo, dos adultos, das relações e delas mesmas. A negligência e o abuso podem causar severa disfunção nas funções neurobiológicas, inclusive dificuldades na regulação emocional e uma história de vida incoerente.

Seguindo nas intervenções que compõem o aporte integrativo, a terapia diádica propõe uma integração entre a teoria das relações de objeto e a abordagem interpessoal, sendo baseada na estreita conexão e em mútuas influências entre o mundo interno e

externo da criança, destacando a relação especial que mantém com cada um dos pais e também com o casal parental (ou pessoas significativas em sua vida). Nessa perspectiva, os encontros terapêuticos costumam acontecer nesta ordem: primeiramente, com criança e mãe; depois, com criança e pai; em seguida, apenas com o casal parental. Com isso, é possível ao terapeuta observar os padrões característicos de relacionamento entre eles e que expressam, em suas interações e atividades, o conteúdo conflitante. Pode, assim, promover a compreensão reflexiva dos participantes e, finalmente, a mudança na experiência e nas representações do *Self*, do “outro” e da relação entre eles.

Como bem destacam Kaplan, Harel, Avimeir-Pat (2010), a participação ativa da criança nos encontros terapêuticos diádicos com cada um dos pais permite que ela expresse, de várias formas e de uma maneira única, principalmente por intermédio do brincar, seu mundo interno e suas necessidades. A presença do terapeuta permite uma abordagem especial neste modelo, tanto para as questões implícitas quanto para as explícitas que surgem nas conversas. O terapeuta apoia a função reflexiva da díade (par) e promove vivências e modelos novos de comportamento, criando assim novos significados e novas representações de relacionamentos.

Em consonância, faz parte do aporte integrativo a teoria das relações de objeto, que descreve a relação da criança com figuras significativas em sua vida, normalmente representada pela mãe ou por qualquer pessoa que preencha a função parental de cuidar de suas necessidades físicas e emocionais primárias. Segundo o pediatra e psicanalista Winnicott (1958), a criança baseia seu conceito de *Self* nas interações com a mãe e, assim, segue formando representações mentais das relações sociais e físicas com os outros. O autor postula que, nos primeiros meses após o nascimento, a mãe se encontra num estado psicológico que lhe permite estar em harmonia com as necessidades de seu filho. Trata-se de um estado crítico para o desenvolvimento da criança, sendo que, somente num estágio posterior, após um longo processo dialético entre a criança, a mãe e as outras figuras em sua vida, a mãe poderá gradualmente deixar de ser completamente absorvida por seu papel materno, enquanto a criança aprende a lidar com a possibilidade de adiar a satisfação de suas necessidades.

Em artigo anterior, Winnicott (1951) afirma que a construção da percepção do “*Self*” está diretamente ligada à dicotomia entre o “*Self*” e o “Não *Self*”, que se cria a partir da interação com a mãe, enquanto a criança gradualmente compreende que existe uma separação entre ela e o objeto. Nesse processo, criança e mãe criam um espaço para interação chamado “espaço potencial” (WINNICOTT, 1967). Esse espaço se encontra sempre entre o subjetivo e o objetivo, entre o mundo interno e o externo. A criatividade se desenvolve nesse espaço, e existe em todo campo de expressão criativa e cultural.

Seguimos, então, apresentando um episódio clínico que nos serve para ilustrar a abordagem utilizada no campo da Arteterapia, em interlocução com o aporte integrativo, que, como vimos, lança mão de diferentes métodos criativos e lúdicos para favorecer o resgate da história pessoal e a elaboração de situações traumáticas. Neste artigo, trata-se da separação precoce da criança, aqui chamada de Yossi, de sua família biológica e sua adaptação a um novo ambiente familiar. É importante destacar que o atendimento foi realizado em outro país, seguindo, então, os procedimentos judiciais, que são compostos de retirada imediata da criança, que permanece por um determinado tempo em um abrigo, até que se encontre uma família acolhedora (*foster care*), que pode ou não adotá-la posteriormente.

### **Yossi e seus encontros**

Quando Yossi tinha quatro meses de idade, presenciou um crime cometido pelo pai que resultou no completo desaparecimento deste e na prisão de sua mãe, que foi considerada cúmplice. Yossi foi então levado, imediatamente, a um centro de emergência e depois permaneceu com sua mãe na prisão. Porém, como ela sofria de depressão e não apresentava condições de cuidar do filho apropriadamente, aos dez meses, ele foi transferido para uma família de acolhimento, que, depois da finalização do atendimento terapêutico aqui descrito, se tornou sua família adotiva.

Composta de pai, mãe e um filho de nove anos, essa família recebeu Yossi com muito carinho e amor, e ele correspondeu a todo esse afeto, sem apresentar reações que pudessem indicar sofrimento diante da ausência da mãe biológica. Isso nos mostra que se tratava de uma criança com tendência para o apego seguro, sugerindo que, antes do evento traumático, recebeu cuidados suficientemente bons.

Crianças com tendências para o apego seguro respondem com angústia quando suas mães as deixam; porém, eventualmente conseguem se acalmar na presença de outra pessoa benéfica (AINSWORTH ET AL, 1987).

Nesse sentido, podemos entender que o vínculo entre Yossi e sua família acolhedora, particularmente com a mãe, caracterizou-se pelo que Alvarez (1992) denomina reivindicação ou recuperação (*reclaiming*). O conceito se refere a trazer de volta a criança que vivenciou a perda do objeto, a fim de nela reacender a vinculação.

Yossi encontrou, na família de acolhimento, um ambiente que pôde ampará-lo, uma continuidade de cuidados, recebendo, em especial da mãe, contenção e disposição para atender suas necessidades emocionais; enfim, um ambiente que seguiu amparando o menino. Assim, ele logo passou a reconhecer os pais acolhedores como seus pais, sem ter consciência da existência da mãe biológica, que permaneceu, certamente, em seu inconsciente. Porém, quando completou dois anos de idade, a mãe biológica saiu da prisão,

sendo acolhida em uma instituição voltada à reabilitação de mulheres, manifestando então o desejo de reencontrá-lo, o que foi imediatamente acatado pela justiça do país. É importante esclarecer que, pela severidade do crime cometido, o acolhimento familiar foi definido como “confidencial”. Por isso, os pais acolhedores foram proibidos de participar das tentativas de reaproximação, o que dificultou sobremaneira todo o processo – Yossi protestava e chorava, se recusando a deixar seus pais acolhedores e seguir com a assistente social, que não conhecia, para se encontrar com sua mãe biológica, que também não reconhecia. Podemos pensar que esse encontro despertou o trauma anterior reprimido, gerando ansiedade pelo objeto desaparecido, o que levou à regressão a um padrão de reações angustiadas, tais como convulsões incontroláveis de choro e agressividade.

Aqui é importante considerar a coexistência de dois padrões: por um lado, o de apego seguro, e por outro, expressões angustiadas do trauma na relação de objeto. Mitchell (1993) destaca que o *Self* de um indivíduo não é uma estrutura isolada, e sim um sistema em desenvolvimento que se manifesta no ambiente social. Se o *Self* é formado por vivências decorrentes de interações, então o indivíduo possui “múltiplos *Selves*” (*multiple selves*) de acordo com as diferentes interações vivenciadas.

Pensando na situação de Yossi, havia claramente duas internalizações de objeto: a mãe presente e benevolente, que reclama sua presença – “venha a mim” (ALVAREZ, 1992) – e a “Mãe Morta” (GREEN, 1980), ou seja a mãe biológica que se tornou uma presença-ausente e, quando pôde reencontrá-lo, se mostrou incapaz de responder as suas necessidades. Yossi internalizou objetos diferentes, interagindo com diferentes vivências do *Self*, que coexistem, todas, uma ao lado da outra, de forma dissociativa.

Neste momento, começaram a aparecer então questões emocionais e dificuldades de comportamento da parte do menino, tais como agitação e agressividade severas no momento de separação dos pais para frequentar a escola infantil, incluindo apedrejar e machucar os animais do zoológico da escolinha.

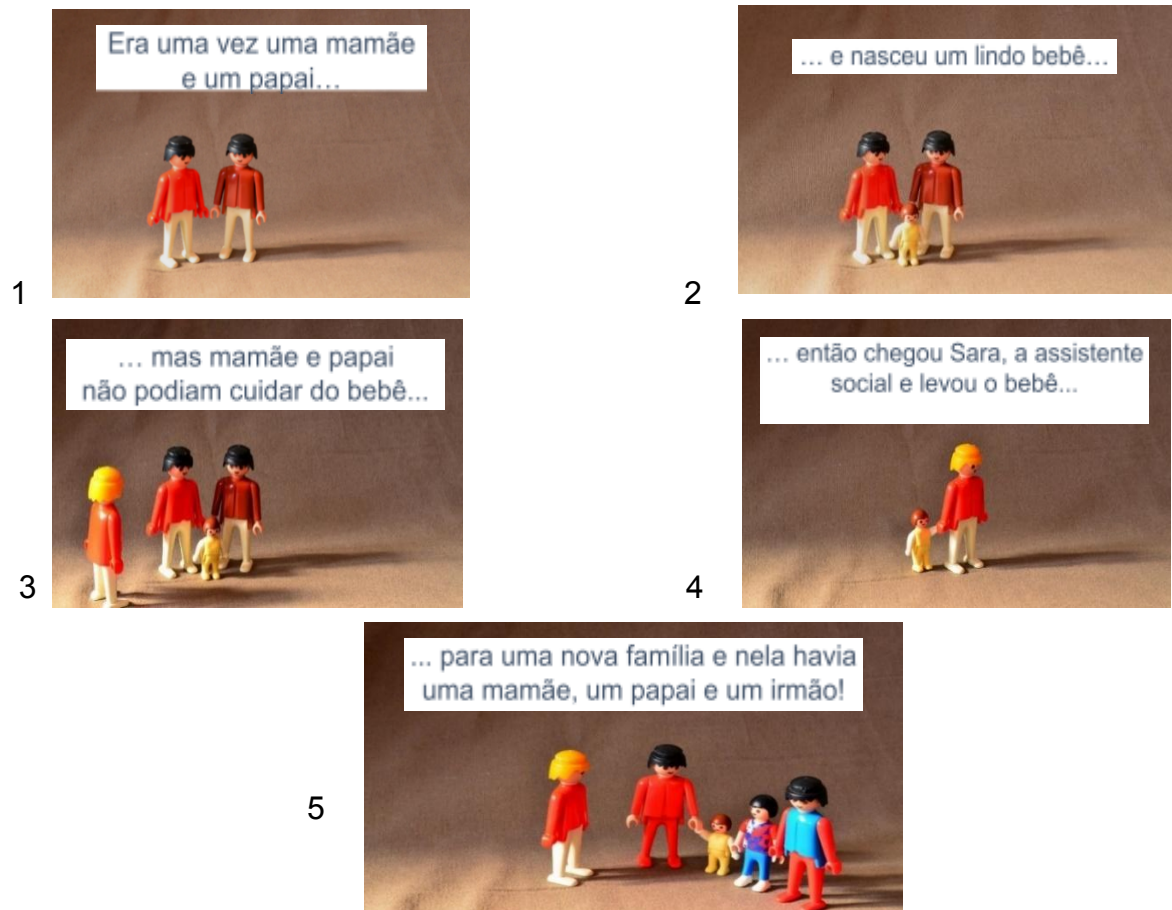
As autoridades decidiram, então, interromper por um tempo os encontros entre o menino e a mãe biológica para que Yossi pudesse conhecer sua história num ambiente seguro e terapêutico. Na idade de dois anos e dois meses, ele começou a arteterapia, cujo objetivo principal era lhe contar a história de sua vida e construir um espaço emocional juntamente com a família de acolhimento, de modo a possibilitar o reencontro com sua mãe biológica.

Yossi frequentou sessões de arteterapia até completar cinco anos e meio. No início, os encontros aconteciam semanalmente juntamente com um dos responsáveis da família acolhedora (o pai e a mãe se alternavam nas sessões semanais). Paralelamente às sessões com a criança, aconteciam também encontros de orientação aos pais acolhedores, em intervalos alternados. Importante destacar a necessidade, nesse tipo de atendimento, de

escuta das angústias da família acolhedora, que precisa acreditar que a explicitação do ocorrido não irá sabotar a estabilidade e a relevância da narrativa corrente, à qual pertencem.

Como todas as famílias que adotam bebês, os pais acolhedores de Yossi também acreditavam que seu amor era suficiente para que ele superasse sua dor e esquecesse sua antiga narrativa (LIFTON, 1994). Então, a arteterapeuta organizou as reuniões com eles, para ajudá-los a processar suas fantasias de corrigir e curar a dor de Yossi, esclarecendo que a antiga e dura narrativa familiar não poderia desaparecer, pois estava entranhada nele e se manifestava em seu comportamento. Foi um processo difícil para eles, que tiveram de enfrentar o medo do desconhecido durante os encontros entre Yossi e a mãe biológica, de modo a seguirem oferecendo uma verdadeira fonte de apoio para o menino. Essa presença calma, disponível para conter a ansiedade, a dor e o vazio do seu ser foi o que efetivamente permitiu que Yossi se encontrasse nesse espaço e gradualmente pudesse construir uma narrativa que lhe permitisse encontrar posteriormente sua mãe biológica – o objeto desaparecido que retornava à sua vida.

Após o estágio inicial de terapia e apoiados nos encontros de orientação, os pais acolhedores começaram a contar a Yossi sobre sua chegada à nova família. A história foi apresentada por meio de bonecos (figuras de 1 a 5), contando com a presença deles e testemunho da assistente social, conhecida de Yossi e que vinha acompanhando todo o processo de adaptação com os pais.



Durante alguns meses, as sessões seguiram uma estrutura uniforme com o objetivo de oferecer um espaço estável, seguro e consistente para Yossi: iniciavam com uma conversa informal; em seguida, a história do processo de acolhimento do menino era repetida como um tipo de mantra; depois, Yossi fazia um desenho conjunto com sua família acolhedora (figura 6) e, depois, um desenho seu (figura 7). E para fechar a sessão, todos brincavam juntos. Gradualmente, Yossi começou a se referir a sua história de vida e a expressar seus sentimentos acerca da situação.



Figura 6: Desenho Familiar



Figura 7: Desenho de Yossi

Quando se explica a uma criança como se deu um acontecimento de sua vida, em uma atmosfera apropriada e de forma que ela possa assimilar, mesmo tendo potencial traumático, a história pode ser integrada naturalmente em seu mundo interior. Principalmente quando, para isso, são usados recursos lúdicos, favorecendo a representação simbólica por meio do brincar (WINNICOTT, 1971).

No caso de Yossi, no primeiro estágio, os bonecos utilizados não tinham nomes, sendo apenas narrada a história que os envolvia. Então, quando a arteterapeuta avaliou que ele já atingira certa compreensão da sequência dos fatos, bem como que teria condição de assimilar o abandono e o desaparecimento da mãe biológica, que foram mitigados pela forma acolhedora como a nova família o recebeu, foi possível avançar ao estágio seguinte – nomear os bonecos e propor novo encontro com a mãe biológica. Na preparação, adicionamos um elemento ao jogo de bonecos de acordo com o que iria acontecer: “Agora, mamãe Rebeca quer encontrar Yossi”.

Yossi começou a mostrar sinais de curiosidade e expectativa. Durante uma das sessões, antes do encontro com sua mãe biológica, adicionou um avião ao jogo, dizendo que estava voando. Diante da pergunta da arteterapeuta: “Com quem você está voando?”, respondeu: “Com mamãe Rebeca”. E à pergunta: “Para onde está voando?”, respondeu naturalmente: “Para casa”. Claramente, ele estava expressando um desejo interno de unir as partes desconectadas de seu Self, representadas por suas duas mães, e trazer sua mãe

biológica para o único lar que conhecia, em uma tentativa de "consertar" a ruptura – trata-se de um movimento típico de crianças em processo de acolhimento e/ou adoção (LIFTON, 1994). Podemos pensar que Yossi havia construído um espaço interno para receber a figura de sua mãe biológica, livre de angústia e ansiedade, e que não se sobrepunha ao espaço reservado à família acolhedora. Durante outra sessão, ele chamou repetidamente: “Mamãe Rebeca, agora!”. Parecia que uma antecipação do encontro estava estabelecida.

Ao final desse período, tendo em vista a elaboração emocional da criança, a arteterapeuta junto com a assistente social decidiram recomeçar as reuniões entre Yossi e sua mãe biológica. Nesse estágio, as sessões terapêuticas passaram a duas ou três vezes por semana, sendo que a primeira delas era dedicada ao encontro entre o menino e a sua mãe biológica; a segunda, envolvia Yossi e os pais acolhedores e era focalizada em ajudá-los a processar tais encontros. Por vezes, essa sessão acontecia somente com o menino. Paralelamente, havia reuniões de orientação aos pais acolhedores.

Há uma importância fundamental na observação do terapeuta acerca do que pode estar acontecendo no mundo interior da criança diante da relação com as pessoas significativas de sua vida, de modo que possa fazer ajustes a cada sessão, tendo em vista sempre a condição de assimilação, de acordo com a idade e desenvolvimento emocional da criança. No caso de Yossi, houve quatro encontros consecutivos com a mãe biológica<sup>2</sup>. Porém, em todos, ela não conseguiu chegar no horário estabelecido, fazendo com que Yossi esperasse por volta de 50 minutos pela sua chegada, e com ela permanecendo menos de meia hora. Diante desse cenário, a frequência do encontro passou a ser de duas vezes ao mês, sendo que, antes da chegada da mãe biológica, Yossi permanecia com a arteterapeuta, desenhando e brincando.

Os encontros visivelmente desestabilizavam Yossi. No início, a mãe biológica procurava conversar com ele e lhe trazia presentes, por sinal, muitos deles inadequados à idade do filho. No entanto, ele os aceitava entusiasmadamente e corria até a outra sala para mostrá-los aos seus pais acolhedores, certamente com o intuito de conferir se eles permaneciam a sua espera. Porém, no decorrer do encontro, a mãe biológica se mostrava extremamente ansiosa e agitada, falando excessivamente, dirigindo a ele perguntas repetitivas, e sem ouvir as respostas, tornando esse momento tumultuado e imprevisível. Ficou claro que ela estava reagindo de forma infantil a partir de um lugar de dor e, como resultado, não estava disponível para responder às necessidades de Yossi, projetando nele suas duras experiências de infância, de criança abandonada, sem proteção e contenção de sua família, além de ter sofrido abusos. Parecia então reencenar (*re-enacting*) seu duro

---

<sup>2</sup> Os encontros entre Yossi e sua mãe biológica aconteceram no escritório do serviço social de acolhimento, de modo a preservar o espaço da clínica de arteterapia como um espaço seguro e protegido para Yossi e sua família acolhedora.

passado na presença do filho, como que “reativando momentos ou cenas de um tempo diferente, com um conjunto de personagens diferentes” (FRAIBERG, ADELSON & SHAPIRO, 1975), tornando-se indisponível para ele, que reagia com raiva, o que a assustava. Às vezes parecia que ela estava se tornando a criança e ele se tornava a figura ofensiva na sala: “Ele me assustou”, revelou certa vez, “me fez lembrar as minhas experiências de jardim de infância, a pequena menina que eu era quando os garotos abusaram de mim”.

Yossi começou, então, a apresentar novos sintomas: encoprese severa, irritabilidade aguda, problemas com o sono, chamando sua mãe acolhedora e lhe pedindo que não o abandonasse. Apresentou também uma mudança drástica diante do pai, rejeitando sua presença, mesmo sendo a relação dos dois bem próxima e saudável. É possível que essas atitudes fossem resultado de um reaparecimento de seu antigo trauma inconsciente, que continha a imagem do pai biológico de Yossi como figura assustadora e violenta (figura 8).



8 – Desenho de Yossi

Além da diminuição do número de encontros com a mãe biológica, a arteterapeuta seguiu intensificando o atendimento ao menino e sua família acolhedora. Durante uma dessas sessões, usou um boneco para perguntar a Yossi como se sentia quando encontrava Rebeca, ao que ele respondeu: “Eu me sinto triste”.

Finalmente, devido a tantas dificuldades, decidiu-se encerrar completamente o encontro com sua mãe biológica, o que trouxe um novo desafio à arteterapeuta: comunicar a Yossi essa decisão. Para isso, novamente, foram utilizados bonecos, ajustando a nova versão da história: mamãe Rebeca queria encontrar Yossi, mas não poderia mais. De modo a sedimentar a nova narrativa, segura e coerente, a terapia continuou por vários meses.

Após o cancelamento dos encontros com a mãe biológica, os sintomas físicos e emocionais do menino desapareceram. E ele seguiu, agora compartilhando sua vida junto à família acolhedora que o adotou e, preenchendo, com a mãe, o pai e o irmão, o álbum de retratos.

### **Considerações finais**

Consideramos importante finalizar este artigo retomando alguns pontos do episódio clínico. Entendemos que, embora o encontro com a mãe biológica tenha sido desapontador, gerando reações regressivas, Yossi pôde seguir sem precisar negar sua antiga experiência, tanto mental quanto emocionalmente. Presumimos que, no futuro, ele terá coragem de fazer novas perguntas sobre o mantra repetido pela arteterapeuta, desde o início do processo terapêutico: “Mamãe e papai não puderam criar Yossi”. Chegará o tempo em que ele perguntará: “Por que eles não puderam me criar?”, e como resposta, esperamos que os pais adotivos, depois do processo de atendimento que também os contemplou, continuem a lhe contar a verdade, de forma que ele possa recebê-la sem que isso gere novas angústias e fantasias.

Acreditamos que os encontros contínuos com a história do trauma de Yossi, que permitimos ao menino vivenciar, tiveram valor terapêutico significativo. Yossi tem, agora, uma história de vida completa, que preenche a ausência deixada por sua mãe biológica. E sua pré-história não é mais um buraco negro cujos demônios ameaçam sua experiência de estabilidade com a família acolhedora (LEFELMAN, 2013).

A intervenção terapêutica aqui apresentada, tendo como base o espaço criativo da arteterapia em interface com o que denominamos aporte integrativo, pode ser útil a profissionais da área que buscam prestar assistência a crianças traumatizadas – aquelas que se encontram em acolhimento e/ou passam por processos de adoção, crianças que vivenciaram doença ou morte na família, divórcio do casal parental, imigração, dentre tantos outros acontecimentos disruptivos – ajudá-las a processar situações difíceis e construir uma história de vida coerente com sequência significativa e compreensível para elas.

Terminamos com a voz de Yossi: nesses dois desenhos (figuras 9 e 10), realizados no final do processo terapêutico, vemos uma criança capaz de simbolizar vários elementos de sua história, agora em uma composição mais organizada, indicando que a situação traumática ganhou contornos, estando mais sob o domínio de seu *Self*.



Figuras 9 e 10. Desenhos de Yossi com cinco anos e meio no final da arteterapia

**Data de chegada: 28.08.2021**

**Data de aceite 1º parecerista: 10.05.2022**

**Data de aceite 2º parecerista: 02.06.2022**

### Referências bibliográficas

AINSWORTH, M., BLEHAR, M., WATERS, E., & WALL, S. **Patterns of attachment: A psychological study of the Strange Situation**. Oxford, England: Erlbaum, 1978.

ALVAREZ A. **Live Company: Psychoanalytic Psychotherapy with Autistic, Borderline, Deprived and Abused Children**. New York, N.Y: Routledge, 1992.

AXLINE, V. M. **Play Therapy**. New York, N.Y: Ballantine Books, 1969.

BECKER-WEIDMAN, A. Treatment for Children with Trauma-Attachment Disorders: Dyadic Development Psychotherapy. **Child and Adolescent Social Work Journal**, v. 23, n. 2, p. 147-171, 2006.

BOWLBY, J. **Attachment and loss**. New York: Basic Books, 1969.

DUNNE, P. Narradrama: A narrative action approach with groups. Em D. J. Wiener & L. K. Oxford. **Action therapy with families and groups: Using creative arts improvisation in clinical practice**. Washington, DC: American Psychological Association, 2003. p. 229-265.

ETCHISON, M., & KLEIST, D. Review of Narrative Therapy: Research and Utility. **The family Journal**, v. 8, p. 61-66, 2000.

GREEN A. **The Dead Mother**. Dialogues. Israel: Bookworm. 1980.

KAPLAN H., HAREL Y., AVIMEIR-PAT R. **Dyadic Therapy: A meeting between therapeutic practice and theory**. Haifa: Universidade de Haifa. Israel, 2010.

LANDRETH, G. L. **Play therapy: The art of the relationship.** New York, NY: Brunner-Routledge, 2002.

LEFELMAN R. C. Repeated Trauma Therapy with a preschool Child in Foster Care. **Academic Journal of Creative Art Therapies**, v. 3, n. 2, p. 234-249. Haifa: Universidade de Haifa. Israel, 2013.

LIEBERMAN P., F., & VAN HORN, P. **Psychotherapy with infants and young children: Repairing the effects of stress and trauma on early attachment.** New York: The Guilford Press, 2008.

LIFTON, B. J. **Journey of the Adopted “Self”.** New York: BasicBooks, 1994.

MATÉ, G. **The Wisdom of Trauma.** Film, SAN, Science and Nonduality. Produtores Z. and M. Benazzo, C. Harrison. Canada and USA, 2021.

MITCHELL, S. A. **Hope and Dread in Psychoanalysis.** New York: Basic Books, 1993.

OGAWA, Y. Childhood trauma and play therapy intervention for traumatized children. **Journal of Professional Counseling: Practice, Theory, & Research**, v. 32, p. 19-29, 2004.

OGDEN, T. H. **Rediscovering Psychoanalysis.** London: Routledge, 2008. SHEPHERD, L.T. **Does hope moderate the relationship between attachment and behavioral outcomes in foster children?** ProQuest Dissertations Publishing, Seattle Pacific University, 2009.

WHITE, M., & EPSTON, D. **Narrative means to therapeutic ends.** New York: Norton, 1990.

WINNICOTT D. W. **Transitional Objects and Transitional Phenomena.** Through Pediatrics to Psychoanalysis. London: Hogarth Press, 1958.

WINNICOTT D. W. **True “Self”, False “Self”: Essays, 1935-1963.** Israel: Am Oved, 2010.

WINNICOTT D. W. The location of cultural experience. **International Journal of Psycho-Analysis**, v. 48, p.368-72, 1967.

WINNICOTT D. W. **Playing and reality.** Middlesex, England: Penguin, 1971.

## NORMAS DE PUBLICAÇÃO

### **sobre as modalidades**

1. A Revista de Arteterapia da AATESP recebe trabalhos espontaneamente submetidos pelos autores para publicação nas seguintes seções: artigo científico **original/inédito** (amplia consideravelmente o conhecimento ou a compreensão de um dado problema), artigo científico de **revisão teórica/bibliográfica** (no qual há o levantamento das informações a respeito de um determinado tema). Podem também ser submetidos **relatos de experiência** (prioriza a descrição do método/experiência), **estudos de caso** (prioriza a exposição, descrição e discussão de casos), **resenhas** de livros e **resumos** (de monografias, dissertações e teses).
2. Trabalhos de cunho teórico que apresentem interfaces com outras áreas do conhecimento são incentivados.

### **sobre os autores**

3. Todas as modalidades, exceto as resenhas e os resumos, podem ser submetidas apenas por profissionais arteterapeutas credenciados pelas Associações Regionais de Arteterapia filiadas à UBAAT – [www.ubaat.org](http://www.ubaat.org).
4. Trabalhos que fizerem uso da Arteterapia podem ter como autores principais profissionais não filiados ou advindos de outras áreas do conhecimento *desde que* apresentem ao menos um co-autor arteterapeuta que valide as intervenções arteterapêuticas envolvidas.
5. Serão aceitos artigos com no máximo três autores (um autor e dois co-autores). Lembrando que a coautoria pressupõe envolvimento importante na realização do artigo, conhecimento de seu conteúdo e participação na sua redação, ou seja, o co-autor é corresponsável pelo trabalho e responde por ele. Acima de três autores, tomando por base as recomendações da ICMJE (1985), deve-se descrever na Introdução do material a efetiva contribuição de cada autor nos seguintes termos: se concepção e delineamento do tema; se análise e interpretação dos dados; se redação do manuscrito, se há revisão do manuscrito com crítica intelectual importante. A revisão sem crítica intelectual importante ou a simples participação na coleta de dados não justifica autoria. Colaboradores não são autores e podem ser reconhecidos, desde que permitam, separadamente em nota de rodapé, como: contribuição; orientação; revisão crítica; coleta de dados; participação em inquérito clínico.

### **sobre o formato**

6. É imprescindível que o trabalho enviado tenha sido submetido à revisão da língua escrita por um profissional habilitado e que atenda às orientações de diagramação aqui descritas. Não cabe à Revista AATESP ou seus pareceristas a revisão ortográfica dos trabalhos.
7. É considerada uma página aquela formatada da seguinte maneira: folha tamanho A4, fonte Arial tamanho 11, margens (superior, inferior, direita e esquerda) igual a 2,5 cm, espaçamento entre linhas igual a 1,5 e com recuo de primeira linha igual a

1,25 cm.

8. Considerando todas as informações incluídas, os **artigos científicos, relatos de experiência e estudos de caso** devem conter no máximo 25 páginas; as **resenhas** 4 páginas; e os **resumos**, 1 página.
9. Os **artigos científicos, relatos de experiência e estudos de caso** devem apresentar: título e subtítulo, resumo (de 100 a 200 palavras) de 3 a 5 palavras-chave. O título, o resumo e as palavras-chave devem ser apresentados em português e inglês. O corpo do texto deve apresentar: introdução, método, desenvolvimento, considerações finais, e bibliografia referenciada. ([Template1](#))
10. Da “bibliografia referenciada” deve constar **apenas e exclusivamente** as obras efetivamente referidas no texto *Veja no final deste documento as orientações sobre como fazer constar a bibliografia referenciada*
11. Desaconselhamos o uso de notas de rodapé. Se necessárias, devem ser digitadas **utilizando a ferramenta “inserir/ nota de rodapé”** que consta nos editores de texto, fonte Arial tamanho 09, espaçamento de parágrafo simples e tabulação justificada.
12. As citações podem ser feitas de forma direta ou indireta. Citações diretas com menos de 3 linhas devem estar no corpo do texto entre aspas. Citações diretas com mais de três linhas, devem estar recuadas à esquerda em 4 cm, sem aspas, com tamanho da fonte 11 e espaçamento entre linhas simples. *Veja no final deste documento as orientações sobre como fazer constar citações*
13. As figuras (imagens de trabalhos, fotografias ou gráficos) devem estar centralizadas na folha e inseridas no texto **sem qualquer tipo de margem ou moldura**. Cuidar para que as figuras estejam nítidas. Sob a figura deve constar em fonte Arial tamanho 10 as seguintes informações: *Figura nº. breve descrição/legenda* (número da figura, um ponto, uma breve descrição). A figura deve estar referenciada no texto a fim de explicitar em que momento da leitura ela se faz importante à compreensão dos argumentos. No caso de gráficos estes devem estar acompanhados de *título e fonte utilizada*.
14. A **página de rosto** deverá ser elaborada em arquivo separado na qual devem constar: título, resumo, palavras-chave, autores, créditos acadêmicos e profissionais (de 3 a 5 linhas), se filiado a associação de Arteterapia no Brasil ou exterior e número de inscrição, endereço completo, telefone e e-mail para contato do(s) autor(es). Este arquivo pode ser enviado em formato “pdf”. ([Template2](#))
15. Nos artigos científicos, relatos de experiência e estudos de caso **não deve constar** identificação de autoria ao longo do trabalho, ou seja, não deve haver qualquer elemento que possibilite a identificação do(s) autor(es), tais como nome do autor, filiação profissional, papel timbrado ou dados de autoria no menu “propriedades” do Word.

### **submissão**

16. O autor deve submeter o trabalho mediante envio de e-mail somente ao endereço eletrônico [revista@aatesp.com.br](mailto:revista@aatesp.com.br), explicitando a intenção de publicação na Revista Arteterapia da AATESP.

17. Deste e-mail devem constar os seguintes arquivos, na forma de anexo, conforme já anteriormente descritos:
1. **arquivo do trabalho** (formato “doc”) [Template1](#)
  2. **página de rosto** (formato “pdf”) [Template2](#)
  3. **carta de intenção e ética** (formato “jpg” ou “pdf”) [Template3](#)

---

## ORIENTAÇÕES GERAIS SOBRE CITAÇÕES E BIBLIOGRAFIA REFERENCIADA

As orientações abaixo atendem às normas estabelecidas pela ABNT NBR-14724 (Informação e Documentação - Trabalhos Acadêmicos), NBR-10520 (Informação e documentação - Citações em documentos) e NBR-6023 (Informação e documentação - Referências).

### 1. CITAÇÃO

Citações são elementos extraídos de documentos pesquisados e indispensáveis para a fundamentação das ideias desenvolvidas pelo autor. As citações podem ser diretas e indiretas. A forma de citação adotada pela Revista de Arteterapia da AATESP será o sistema **autor-data**. Neste sistema a indicação da fonte deve ser feita seguindo as orientações abaixo.

- No caso de **CITAÇÃO INDIRETA**, estas devem traduzir com fidelidade o sentido do texto original sem se configurarem como uma transcrição literal do texto original. Elas geralmente tratam de comentários sobre ideias ou conceitos do autor. São livres de aspas, sem indicação de página. Exemplos:

De acordo com Freud (1972) os processos primários encontram-se presentes no aparelho mental desde o princípio.

*Ou*

Os processos primários encontram-se presentes no aparelho mental desde o princípio (FREUD, 1972).

- No caso de **CITAÇÃO DIRETA com menos de três linhas** devem vir entre aspas duplas, no próprio corpo do texto. Estas se configuram como uma transcrição literal do texto original. Exemplos:

“Centrando o interesse na Arteterapia como prática complementar, procurou-se aplicá-la no atendimento a enfermos hospitalizados.” (VALLADARES, 2008, p. 81)

*Ou*

Valladares (2008) explica que “Centrando o interesse na Arteterapia como prática complementar, procurou-se aplicá-la no atendimento a enfermos hospitalizados” (p.81).

*Ou*

Allessandrini (1996) aponta que “...a expressão artística pode proporcionar ao homem condições para que estabeleça uma relação de aprendizagem diferenciada” (p. 28).

- No caso de **CITAÇÃO DIRETA com mais de três linhas**, e que nunca devem exceder 10 linhas, devem figurar abaixo do texto, com recuo de 4 cm da margem esquerda, espaçamento 1,0 com letra 10 e sem aspas. Exemplos:

Goswami (2000) explica que:

... nós não podemos desenvolver uma identidade-ego sem a criatividade. Quando crianças, somos naturalmente criativos, na medida em que vamos descobrindo a linguagem, a matemática, o pensamento conceitual, as habilidades, e assim por diante. Na medida em que nosso repertório de aprendizado cresce, nossa identidade-ego cresce também. (p. 67)

*Ou*

O autor anteriormente referido problematiza que

... nós não podemos desenvolver uma identidade-ego sem a criatividade. Quando crianças, somos naturalmente criativos, na medida em que vamos descobrindo a linguagem, a matemática, o pensamento conceitual, as habilidades, e assim por diante. Na medida em que nosso repertório de aprendizado cresce, nossa identidade-ego cresce também. (GOSWAMI, 2000, p. 67)

## 2. BIBLIOGRAFIA REFERENCIADA

São as referências dos livros e materiais consultados para a elaboração do trabalho. **Apenas** devem constar os materiais **efetivamente referidos** no texto (ou seja, mesmo que interessante, materiais não referidos no corpo do texto não devem constar).

- Livro Completo.  
SOBRENOME, Nome Abreviado. **Título:** subtítulo (se houver). Edição (se houver).  
Local de publicação: Editora, data de publicação da obra.  
RHYNE, J. **Arte e Gestalt:** padrões que convergem, 1.ed. São Paulo: Summus, 2000.
- Capítulo de livro  
SOBRENOME, Nome abreviado. Título do capítulo: subtítulo. *In:* SOBRENOME, Sigla do nome. **Título do livro:** subtítulo. Local: editora, ano, intervalo de páginas do capítulo.  
NOGUEIRA, C. R. Recursos artísticos em psicoterapia. *In:* CIORNAI, S. **Percursos em arteterapia:** arteterapia gestáltica, arte em psicoterapia, supervisão em arteterapia. São Paulo: Summus, 2004, p. 219-223.
- Tese, dissertação  
SOBRENOME, Nome. Título negrito. Ano de depósito. total de folhas ou páginas.  
Tipo (grau) - Instituição, local, ano de defesa.  
VALLADARES, Ana Cláudia Afonso. **Arteterapia com crianças hospitalizadas.** 2002. 258p. Dissertação (Mestrado em Enfermagem Psiquiátrica) – Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2002.
- Artigos em periódicos  
SOBRENOME. Nome abreviado. Título do artigo: subtítulo (se houver). **Título da Revista**, local de publicação, volume do exemplar, número do exemplar, p. (página inicial e final do artigo), ano de publicação.  
BERNARDO, P. P. Oficinas de criatividade: desvelando cosmogonias possíveis. **Revista Científica Arteterapia Cores da Vida**, Goiás, v. 2, n. 2, p. 8-23, 2006.
- Artigo em periódicos online  
*com autoria*  
SOBRENOME. Nome abreviado. Título do artigo: subtítulo (se houver). **Título da**

**Revista**, local de publicação, volume do exemplar, número do exemplar, p. (página inicial e final do artigo), ano de publicação. Disponível em <URL>. Acesso em: dia mês abreviado ano.

*sem autoria*

**Título da matéria**. Nome do site, ano. Disponível em: <URL>. Acesso em: dia mês abreviado. ano.

- Trabalho de Congresso (publicado online)

SILVA, R. N.; OLIVEIRA, R. Os limites pedagógicos do paradigma da qualidade total na educação. In: CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFPE, 4., 1996, Recife.

**Anais eletrônicos**. Recife: UFPE, 1996. Disponível em <<http://www.prospeq.ufpe.br/anais>>. Acesso em: 21 jan. 1997.

- Resumos em eventos (impresso)

SEI, M. B. e GOMES, I. C. Family art therapy and domestic violence: a proposal of intervention. In: IARR MINI CONFERENCE, 2005. **IARR Mini-Conference Program-Abstracts**. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2005. p. 23-23.